

Anno
1659.

feirá mais conveniente escutar estes procedimentos; e sendo necessario verem os papeis, de que Rodrigo Rodrigues tirou aquelles cargos, lhos mandarei remeter.

Formada por este decreto a Junta dos Ministros referidos, e vendo elles as clausulas, pediraõ os papeis, de que Rodrigo Rodrigues havia tirado os cargos. Examinadas todas as circumstancias, fizeraõ huma consulta, em que disseraõ á Rainha, que havendo considerado com a maior circunspecção a qualidade de taõ grave materia, acharaõ, que contra Joanne Mendes não havia devaça, nem culpa provada: que não fora pronunciado, nem sindicado, nem havia tido capitulos affinados, nem se achava houvesse faltado á sua obrigação, procedendo conforme as ordens da Rainha, e parecer dos Cabos: que o successo de não ganhar Badajoz, fora desgraça, e não culpa: que a resolução de retirar o exercito dos quartéis, antes de chegar D. Luiz de Aro, o purificava de todas as calumnias, que injustamente pertendiaõ macular a sua fidelidade; porque se elle houvera prevaricado, que melhor occasião podia ter de entregar o Reino, que entregar o exercito? Porque era infallivel, se taõ opportunamente não levantaraõ o sitio, de que tambem resultara a defenfa de Elvas, e vitoria das linhas; e que maiores erros, e mais sensiveis infelicidades padecera D. Luiz de Aro, e que ficara taõ seguro no governo de Espanha, como estava de antes: e que por todos estes respeitos, e consideração dos felices successos, que o exercito havia tido o dia, que chegou ao Forte de S. Christovaõ, quando foi derrotado em Caia o Duque de Osluna no encontro, e empreza do Forte de Saõ Miguel, e na preza do comboi, parecia á junta que S. Magestade não só devia mandar soltar Joanne Mendes de Vasconcellos, mas honralo, e fazerlhe mercê em recompensa do descredito, que sem culpa na prisão havia padecido. Conformou-se a Rainha com o parecer da Junta, e baixou hum decreto ao Conselho de Guerra, que dizia: Por resolução de huma consulta, que me fez o Conselho de estado, e Guerra, mandei prender Joanne Mendes de Vasconcellos; e porque fiz examinar com toda a consideração as causas da
sua

Anno
1659.

sua prisão, hei por bem declarar, que Joanne Mendes procedeo como devia ás obrigaçoens do posto, que occupou no exercito de Alentejo, e que não faltou em nada a meu serviço, por cuja razão o mando soltar, e que se não proceda contra elle: o Conselho de Guerra o tenha entendido, e sendo necessario dar se do Conselho algum despacho o fara logo, e se entregará a Joanne Mendes huma cópia deste decreto. Foi geralmente estimada esta resolução da Rainha; porque nos erros de Joanne Mendes no sitio de Badajoz não havia errado o animo, e os serviços, que tinha feito á sua Patria, mereciaõ igual recompensa; e poucos são os vassallos, que os Principes podem contar de tão igual fortuna, que não tenhaõ no decurso do seu merecimento acertos, e erros, desgraças, e felicidades.

D. Sancho Manoel, que pela ausencia do Conde de Cantanhede ficou governando a Provincia de Alentejo, poucos dias depois de partido o Conde, recebeu hum volatim do Duque de S. German, em que pedia que se remettem todos os prisioneiros da batalha antecedente até o posto de Mestre de Campo inclusive, em virtude do ajustamento feito entre o Marquez de Leganes, e o Conde de S. Lourenço no anno de seiscentos cincoenta e tres. Deu D. Sancho Manoel conta á Rainha, que ordenou que observasse pontualmente o ajustado; porque todas as politicas, que na felicidade presente podião insinuar tomar-se outro partido, cediaõ á inviolavel obrigação de se não quebrar a palavra, e assento tomado, em que os amigos, e inimigos devem ter igual privilegio. Junta-raõ-se todos os prisioneiros, e brevemente teve execuçaõ a sua liberdade. D. Sancho com todo o cuidado applicava melhorar Elvas de todas as ruinas, que havia padecido, e acodir ás mais Praças, que se achavaõ muito destituidas de gente; e para que esta falta não provocasse os Castelhanos a intentarem em alguma das Praças o desafogo das desgraças proximamente padecidas, escreveo á Rainha, pedindolhe que promptamente a remediasse; e fazendo outras advertencias muito uteis á conservação do Reyno, passou de Elvas a Estremoz, para daquella Pra-
ça

Anno
1659.

ça ficar mais prompto para acodir a todas as da Provincia, deixando governando Elvas a Pedro Jaques de Magalhaens; porque Affonso Furtado havia passado a Lisboa com os Condes de Cantanhede, e Misquitella. De-sejava D. Sancho averiguar o intento que os Castelhanos tinham, e o modo de satisfação, que determinavaõ tomar na primavera seguinte. Mandou huma partida a Olivença, que fez prisioneiros dous Soldados de cavallo, que affirmaraõ que o Duque de S. German se prevenia para siti-
 ar Alconchel. Com este aviso mandou D. Sancho para aquella Praça quantidade de mantimentos, e fez aviso á Rainha, repetindo a instancia do soccorro de gente, e dinheiro, e expondo a sua opiniaõ, dizia, que era de parecer, que Alconchel se desmantelasse; porque perdida Olivença, ficava logo esta Praça inutil, e de grande despeza; e que seria mais decoroso para a reputaçã das armas largalla, que ganharem-na os Castelhanos. Mandou a Rainha esta proposta ao Conselho de Guerra, e todos os Conselheiros foraõ de parecer, que Alconchel se não desmantelasse; porque o sitio era muito forte, e que seria mais conveniente deixar que os Castelhanos fizessem huma larga despeza para siti-
 ar aquella Praça, e que dando tempo, como era verosimel, a se juntar o exercito, ou seria soccorrida em damno, e descredito dos Castelhanos, ou facilitaria alguma diversã, de que resultasse maior utilidade, que a perda de Alconchel. Conformou-se a Rainha com esta opiniaõ, e os Castelhanos não tiveraõ meios naquelle tempo para executarem este intento. Antes de D. Sancho ter esta noticia, entendendo que em Olivença se havia de fazer a preparaçã da empreza de Alconchel, mandou ao Capitaõ de cavallos Antonio Coelho de Gois, com cincoenta a Olivença, ordenando-lhe que ao sair das guardas pela manhã, fizesse toda a diligencia por tomar lingua. Teve taõ bom successo, que derrotou as Companhias da guarda, e lhes tomou trinta cavallos, e os Soldados prisioneiros seguraraõ, que o poder dos Castelhanos era taõ pouco, que mais receavaõ o damno proprio, do que premeditavaõ o perigo alheio. Esta segurança facilitou a implacavel
 sede

rede das pilhagens; preciso inimigo, que nos intervallos das Campanhas padeceo a nossa guerra, merecendo este titulo; porque foraõ causa de muitas acçoens tão desordenadas, como forçosas; porque sem prezas, nem era possivel sustentar-se, nem remontar se a Cavallaria, sendo a experiencia tão fiel abonadora desta proposição, que no fim da guerra as duas partes da nossa Cavallaria se compunhaõ de cavallos Castelhanos. O Commissario General Joaõ da Silva de Sousa propoz a D. Sancho Manoel, que seria facil armar as Companhias de cavallos do Partido de Valença, fazendo-se preza nos gados dos campos de Brossas; e que para maior segurança, devia mandar-se occupar a ponte de Solor no rio Cever pelo Tenente General Pedro de Lalanda com as Companhias do partido de Portalegre, e Castello de Vide, que governava, e juntamente com Joaõ da Silva fazia a mesma instancia; Deixou-se D. Sancho persuadir, e ordenou que se fizesse a entrada na fórma proposta. Marchou Joaõ da Silva a fazer a preza com as Companhias de Campo-Maior, e Arronches, e foi sentido, quando entrava. Ao mesmo tempo marchou Lalanda, que tambem foi sentido, e sem fazer caso da ordem que levava de segurar a ponte de Solor, se adiantou a pegar na preza, receando a partilha, se Joaõ da Silva se fizesse primeiro senhor della. As partidas avançadas de hum, e outro troço chegáraõ ao mesmo tempo ao lugar da preza, e careáraõ grande numero de ovelhas. Na dilação de as conduzirem tiverão tempo algumas Companhias Castelhanas, que se acháráõ na Cidade de Brossas, de se encorporarem com outras, que estavão na Villa de S. Vicente, com intento de entrar em Portugal. Os nossos bate dores reconhecérão na pista, que os batalhoens Castelhanos se compunhaõ de mais de quatrocentos cavallos, que era o numero que levavão os dous Cabos. Joaõ da Silva ainda neste tempo não estava encorporado com Lalanda, mas já sabia, que elle não havia occupado a ponte de Solor, e que tinha entrado nos Campos de Brossas. A conselhárão-lhe alguns Officiaes, que se retirasse a Montalvão, que o podia fazer seguramente; porque a desobediencia de Lalanda não mere-

Manda ao Tenente General Pedro de Lalanda, e ao Cõmissario Geral Joaõ da Silva de Sousa armar as Cõpanhias de Valença, e carcar os gados dos campos de Brossas com quatrocentos cavallos.

Anno
1659.Derrotaõ-
nos os Cas-
telhanos.

merecia perder se por teu respeito. Não pareceo a João da Silva acertado este discurso, por não cahir o castigo só na pessoa de Lalanda, senão também nas dos Officiaes, e Soldados que o acompanhavão. Marchou a buscalo, e determinando ambos conduzir a preza por junto do districto de Pena Furada, para a passarem no rio Cever pelo charco de Fernão Lopes, apparecérão os Castelhanos. Estavão os nossos Soldados cansados da larga marcha, e os dous Cabos pouco unidos, porém todos conformes em pelejar, formárão os batalhoens. Traziaõ os Castelhanos encorporados com os seus alguns espingardeiros, e por se livrar do damno das espingardas, intentárão os nossos Cabos melhorar de sitio, sem reparar na visinhança dos inimigos, que observando o movimento dos nossos batalhoens, os carregárão, e rompérão com pouca resistencia. Era perto da noite, e favoreceo a desordem da nossa gente, para se não perder toda: ficou morto o Capitão de cavallos D. Antonio de Ataide, e ficárão prisioneiros João da Silva, e Lalanda, os Capitaens de cavallos Bernardo de Faria, Francisco Cabral, e duzentos e sessenta Soldados. Mandou a Rainha tirar o posto de Tenente General a Pedro de Lalanda, e João da Silva passou a occupar o posto de Tenente General da Cavallaria ao Partido de D. Sancho, tocando-lhe esta occupação em Alentejo, por Comissario Geral mais antigo. D. Sancho Manoel passou a governar a sua Provincia, deixando a de Alentejo livre das armas de Castella, e gloriosa pelas vitorias alcançadas, em que havia tido a grande parte que acima referimos.

Nomea a Rainha por Mestre de Campo General da Provincia de Alentejo ao Conde de Atouguia, e Affonso Furado General da Cavallaria.

Necessitava a Provincia de Alentejo de pessoa, que a governasse, de tanta capacidade, e experiencia, que bastasse a compor os danos, que as Campanhas antecedentes lhe havião occasionado. Por este respeito, e por outras muitas virtudes, nomeou a Rainha ao Conde de Atouguia por Mestre de Campo General daquella Provincia, fiando do seu zelo, e generoso coração aceitaria nella segundo lugar, havendo occupado o primeiro nos governos da Provincia de Tras os Montes, e Estado do Brasil, sahindo de ambas as occupaçoens com tanta opinião

Anno
1659.

niaõ, que na primeira igualou aos que melhor procederaõ, e na segunda triunfando do interesse, mereceo collocarem os moradores da Bahia o seu retrato na casa do Senado com elegantes inscripçoens, que explicaõ as suas virtudes. Desempenhou o Conde o discurso da Rainha, aceitou o posto, e foi declarado o Conde de S. Lourenço terceira vez Governador das armas, occupaçaõ que não tornou a exercitar: Nomeou juntamente a Rainha Affonso Furtado de Mendoça General da Cavallaria, e a Pedro Jaques de Magalhaens General da Artilharia, e provéaõ-se todos os Terços, e Companhias vagas em Officiaes benemeritos. Teve o Conde de Cantanhede pouca parte nestas eleiçoens; porque o Conde de Odemira havia adiantado muito o seu poder, e a Rainha não estava satisfeita da generosidade, com que o Conde de Cantanhede tinha engeitado varias mercês, que lhe tinha feito, dizendo, que não queria mais premio, que concorrer na defenfa da sua Patria: não advertindo que os homens prudentes devem ter medida até nas acçoens virtuofas, sendo muitas vezes necessario recatalas, por não dar materia, em que arda o fogo da emulaçaõ. Passou o Conde de Atouguia á Praça de Elvas, e começou logo a dar mostras da sua grande prudencia na distribuiçaõ das ordens, na fortificaçaõ das Praças, no provimento dellas, na preparaçaõ do Trem da artilharia, e fez exactas diligencias, por sustentar correspondencia em Castella, de que recebesse verdadeiras noticias de todos os movimentos daquella Monarquia, e conseguiu cabalmente este intento, e todos os mais concernentes á segurança da Provincia de Alentejo. Affonso Furtado tomou juntamente com o Conde de Atouguia posse da sua occupaçaõ, e desejando não perder tempo em mostrar o seu valor, e actividade, propoz ao Conde o intento de armar á Cavallaria de Badajoz, passando Caia; e havendo avançado ao Capitaõ Manoel de Paiva Soares com dous batalhoens, não conseguiu maior effeito, que tomar trinta cavallos das Companhias da guarda. Retirou-se, e áchou que o Conde de Atouguia havia recebido aviso do Mestre de Campo Pedro de Mello, que governava a Praça de Serpa,

Dá principio
a este exerci-
cio armado
ás tropas de
Badajoz.

Anno
1659.

pa, de que os Castelhanos intentavão entrar naquella Campanha, por noticia que lhe havião dado algumas intelligencias, e o mesmo verificou o Mestre de Campo Agostinho de Andrade, que governava a Praça de Moura. Ordenou o Conde ao General da Cavallaria, que mandasse tres Companhias para Serpa, e mandou a Agostinho de Andrade, que tivesse partidas sobre as Praças vizinhas; e que logo que recebesse aviso, que o inimigo entrava, mandasse disparar seis peças de artilharia com aviso a Mourão, que ouvidas as seis peças, se disparassem outras tantas; que o mesmo faria Monçaráz, Terena, Landroal, e Villa-Viçosa com tres peças: e avisou ao Tenente General da Cavallaria Diniz de Mello, que ouvindo este sinal, marchasse a toda a diligencia de Villa-Viçosa, onde estava alojado, com todas as Companhias dos quarteis vizinhos até Mourão, onde com as noticias que achasse naquella Praça, executaria o que julgasse mais conveniente. Desta vigilancia resultou, que huma partida da Companhia de D. Francisco Mascarenhas, que assistia em Monçaraz, lhe fez aviso, que estando sobre Xerez, havia visto quinhentos cavallos, que marchavão para a parte de Valença de Bomboy. Dispararão se as peças, fez D. Francisco repetidos avisos a Diniz de Mello, que sem dilação se poz em marcha para Mourão, onde achou noticia de que quatro batalhoens Castelhanos; que era a vanguarda dos quinhentos cavallos, havião entrado naquella campanha. Marchou logo a buscalos, e adiantou ao Capitão D. Luiz da Costa com dous batalhoens a detelos. Executou D. Luiz esta ordem com tão bom successo, que dando vista dos quatro batalhoens Castelhanos, os investio, e desbaratou, escapando só trinta, de mais de duzentos cavallos, de que constavão. Conseguida a rota dos quatro batalhoens, intentou Diniz de Mello observar o poder da Cavallaria dos inimigos, que conduzia huma grossa preza, e marchava a incorporar-se com os batalhoens desbaratados; e reconhecendo quanto o seu numero era inferior ao dos Castelhanos, elegeo sitio, aonde dilatando a frente das tropas, as suppuzeem mais numerosas; e de-
sejan-

Derrota parte dellas.

Anno
1659.

desejando ao mesmo tempo, que os inimigos soubessem a perda dos quatro batalhoens, felizmente conseguiu hum, e outro intento; porque suppondo elles a nossa Cavallaria superior á sua, e reconhecendo a perda das suas Tropas, por não estarem no posto, que lhe tinham assignalado, em cerrando a noite, começaram a retirar-se. Diniz de Mello com a sua natural actividade mandou avançar D. Luiz da Costa com cincoenta cavallos a cargar-lhe a retaguarda, e elle com o resto lhe deu calor, pondo os inimigos em tal confusão, que com desordenada fugida largarão a preza, perdendo mais de sessenta cavallos.

O dia que sahio de Villa-Viçosa para Mouraõ, deu conta ao Conde de Atouguia, que sem dilação mandou incorporar as Companhias de Campo-Maior com as de Elvas. Marchou com ellas Affonso Furtado a segurar a guarnição de Badajoz, que não passasse a se incorporar com os quinhentos cavallos. Conseguiu-se este intento em grande damno daquella campanha, e em Talavera, derrotou huma Companhia, que estava alojada em Montijo, o Commissario Geral D. Joaõ da Silva, que o General havia avançado com quinhentos cavallos. O Capitão de Couraças Duarte Fernandes Lobo, que governava as Tropas de Portalegre, querendo armar ás que estavam de quartel em Valença, sahio com duzentos cavallos, e adiantou huma partida de quinze a fazer huma preza, e de escolta ao Capitão de Cavallos Gomes Freire de Andrade com trinta. Foi sentida a partida, e a Cavallaria, e a Infantaria da Praça, que a esperava formada, a desmontou. Correo Gomes Freire a soccorrella, e achando os inimigos occupados nos despojos dos prisioneiros, recuperou os seus cavallos, tomando lhes alguns, e matando, e ferindo a muitos, tendo só a perda de Lafontana valeroso Francez, Capitão de Cavallos de Marvão, que como particular o acompanhava. Pouco depois o Commissario Geral D. Pedro Ponte com quatrocentos cavallos veio a armar á Cavallaria de Portalegre pela parte da ferra. Sahio ao rebate Duarte Fernandes Lobo com os Capitães Gomes Freire, e Bernardo de Faria (cujas Tropas esta;

Diniz de Mello desbarata em Mouraõ outro troço de Cavallaria.

Anno
1659.

estavão diminutas, por terem sahido dellas quarenta cavallos a fazer hum comboy) cahirão na emboscada, que tinham feito os inimigos, no sitio chamado as Rebeladas, em o mais alto da terra: correrão todos a formar-se em hum só batalhão, ficando na retaguarda Gomes Freire com quinze cavallos soltos, sustentando o impeto dos inimigos, e foi soccorrido muitas vezes do Capitão Duarte Fernandes Lobo, dando tempo a que o batalhão, fazendo varias voltas, occupasse hum passe estreito cuberto com algumas arvores, onde fez rosto aos Castelhanos, que receando, que tivessemos a Infantaria no mesmo passo, se retirarão sem nos fazer damno, e em Castella tirarão por esta occasião o posto ao Commisario Geral. Neste tempo chegarão ao Conde de Atouguia, repetidos avisos das pazes, que se havião celebrado entre as Coroas de França, e Castella, pelos motivos, que adiante diremos. Esta noticia obrigou ao Conde a tratar com toda a diligencia das fortificaçoens das Praças de maior importancia, da prevençãõ do Trem da artilharia, e das reconduçoens dos Terços, e Cavallaria, instando com efficazes razoens á Rainha, que se não perdesse tempo nas prevençoens de todo o Reyno; porque a guerra, que se esperava, havia de ser mais vigorosa, que toda a antecedente, na infallivel consideraçãõ de haverem os Castelhanos de empregar contra Portugal os exercitos, com que defendião as fronteiras de Flandes, Italia, e Catalunha.

No Minho
continua o
sitio de Mon-
çaõ,

As felicidades do anno, que escrevemos, não emendarão na Provincia de Entre-Douro, e Minho, como na de Alentejo, as desgraças do anno antecedente; porque de sorte se encadearão humas a outras, que reduzirão aquella Provincia, quasi á ultima extremidade. Entre perigos, e difficuldades trabalhava o Visconde de Villanova, por atalhar os danos, que lhe era possivel. Eraõ muitas as cartas que escrevia á Rainha, e aos Ministros, mas tão pouco o effeito desta diligencia, que avaliava por maior contrario a desconfiança dos soccorros, que o poder dos inimigos. Havia acudido ás cazas da feitoria do lugar das Choças, largando o quartel do rio Mouro, e para

e para intentar novo soccorro a Monção, passou o Conde de Miranda ajuntar gente ao Porto, e o Balío Diogo de Mello Pereira a Barcellos; porém o trabalho repetido, e os máos successos multiplicados, fazião aos povos pouco appetecido o emprego das armas, e era quasi invencivel a diligencia de ajuntar, e conservar numero de gente capaz de intentar hum soccorro util á defenſa de Monção. Deu alguma confiança ao Visconde a noticia, de que a força da corrente do rio Minho havia levado duas pontes dos inimigos, huma junto a Lapella, outra por cima de Monção: porém defvanecio se depressa esta esperança; porque reconhecendo os Gallegos o perigo deste accidente, fabricaraõ hum Forte junto da Ponte de Mouro, huma legoa ditante dos quartéis, que impossibilitava o intento de se lançarem no Minho as barcas, que se havião fabricado em Melgaço. Ordenou o Visconde a Miguel de Lafcol, que fosse reconhecer a nova fortificação, comboyado do Capitão de cavallos Diogo Pereira de Arahujo com a sua Companhia. Antes de chegarem, encontrarão trinta Soldados de cavallo Gallegos, que andavão roubando a campanha; degolarão nos, reservando cinco, que affirmaraõ estar o Forte acabado, e guarnecido com trezentos Infantes. Esta certeza escusou adiantar-se Miguel de Lafcol; e o Visconde, depois de haver examinado todos os sitios, que poderia occupar a gente, com que se achava para intentar do quartel, que elegesse, o soccorro de Monção, resolveo a vinte e quatro de Janeiro tomar o quartel em Valladares, e com toda a diligencia se deu principio a novos barcos. Neste posto recebeu a nova da victoria das linhas de Elvas, que a Rainha lhe mandou a toda a diligencia, segurando-lhe, que os soccorros de Alentejo o havião de fazer brevemente author da segunda victoria. Respiraraõ com esta noticia os cuidados do Visconde, entendendo que não podia haver duvida em ser soccorrido das tropas vitoriosas da Provincia de Alentejo, juntas á gente daquella Provincia, que concorria sem duvida a conseguir taõ felice empreza, seria infallivel, ou retirar-se, ou perder-se o Marquez de Vianna; e com este bem fundado discurso se accrescentou o Vis-

Anno
1659.

Intenta o
Visconde
varias vezes
foccorrello,
e não o con-
segue.

conde o contentamento da nova da vitoria, e ao passo desta consideração applicou as diligencias de juntar gente, e accrescentar outras prevençoens, que segurassem o soccorro de Monção, e o remedio de Salvaterra, que corria a mesma fortuna. Os motivos da esperança do Visconde o forão de receio ao Marquez de Vianna; porque chegando-lhe com a nova da perda do exercito, que sitiava Elvas, Ordem del Rey D. Philippe para se retirar de Monção, se lhe constasse que as Tropas de Alentejo passavão a Entre Douro, e Minho, entrou na confusão de ver baldada a confiança de ganhar aquellas duas Praças, depois de haver dispendido tão grossos cabedaes, e sido causa da morte de tanto numero de Soldados. Chamou a conselho, e dividiraõ se os votos em duas opinioens. Diziaõ, huns, que o exercito se retirasse, antes de chegarem as Tropas de Alentejo, para que esta resolução parecesse menos desairosa: outros, que se tentasse com hum assalto geral a constancia dos sitiados, porque se podia conseguir o successo, que se achava na ultima desesperação de se lograr. Seguiu o Marquez este parecer, e deu ordem para que o exercito se preparasse para o assalto.

Nos dias que se gastaraõ nas disposiçoens referidas haviaõ as cinco batarias, que cruzavão a Praça, occasionado grande damno nos sitiados, sendo tantos os mortos, e feridos, que faltava quem guarnecesse os postos mais importantes, e até nas mulheres fazião lastimoso emprego. Governava as trinta, que ficarão na Praça, Elena Peres, mulher que havia sido de João Filgueira, com hum chapéo na cabeça, e hum chuço nas mãos conduzia as outras aos maiores conflictos, sem se conhecer em algumas dellas o menor indicio de temor. Acertou em huma chamada a Turca, huma balla de artilharia pela barriga, e lançando lhe as tripas fóra se abraçou com ellas, pediu que a levassem para a Igreja do Espírito Santo: brevemente a conduziraõ, e chegando á Igreja, sem mostrar a menor perturbação, ordenou que hum pouco de dinheiro, que levava na algibeira, se lhe mandasse dizer em Miñas, e morreo com notavel exemplo de constancia: sendo timbre de todas as mulheres de Monção imitarem

Deu.

Deusadeu Martins, que no tempo del-Rey D. Fernando, na guerra que teve com El-Rey Henrique o Segundo de Castella, era casada com o Capitão Mór Vasco Gomes de Abreu, e sitiando D. Pedro Rodrigues Sarmiento. Adiantado do Reyno de Galliza a Praça de Monção, foi esta matrona caula com sua industria, e valor de se levantar o sitio, merecendo por esta acção ficar por timbre das armas da metma Villa hum meio corpo de huma mulher com a letra Deusadeu Martins, andar pintada nas bandeiras da Camera, e abrirem-se todos os annos as pautas dos Vereadores de Monção junto da sua sepultura. Igualmente prejudicavaõ as baterias ás muralhas, não havendo nellas parte, que não padecesse consideravel ruina. Não fazia nos sitiados menos prejuizo a fome; porque vendo-se quasi totalmente consumidos todos os mantimentos, chegaraõ a extinguir a carne de cavallos, gatos, e ratos, e outros animaes immundos, que solicitavão para dilatar a vida, de que se originavão doenças horrendas, e mortaes; porém não bastavão tantas infelicidades para diminuir o animo do Governador, e dos mais Officiaes, que lhe affiltião: e desejado todos dar noticia ao Visconde do estado em que se achavão, offereceo-se para esta difficultosa jornada o Sargento Marçal Ferreira, e instruhido em tudo o que devia dar conta, além da noticia, que levava em hum papel cozido no cóz dos calçoens, o lançou da Praça Diogo de Caldas Barbosa por entre as hortas, e tendo vencido passar pelo interior dos quartéis, sem ser sentido, ao saltar das linhas o fizerão prisioneiro; porém constantemente não pronunciou palavra, que não fosse em beneficio dos sitiados. Melhor succello teve o Visconde em os informar de que os inimigos prevenião o assalto, introduzindo-lhe este aviso em varios papeis que se meterão em cabaças, que se lançavão pelo rio abaixo de noite, e huma dellas se recolheo a Salvaterra, donde passou a noticia ao Governador de Monção. Chamou logo a Conselho, e propondo achar-se unicamente com quinhentos homens para defenfa daquella Praça, os mais delles incapazes de pelear pelas feridas, que haviaõ recebido, e falta de ali-

mento,

Anno
1659.

mento, concordarã todos, que em quanto durasse o dia; persistisse a guarnição nas trincheiras sem alteração; e que logo que cerrasse a noite, deixando só as sentinellas, se recolhesse a guarnição á barbacãa, e que estas sentindo rumor, que lhes parecesse era principio de assalto, poderiam tambem recolher-se, e que desta sorte se hirião dilatando quantos dias lhe fosse possível, até lhes chegar ou o soccorro, ou o ultimo defengano. Nesta ordem se foraõ conservando os sitiados até o primeiro de Fevereiro, dia, que o Marquez de Vianna destinou para se dar o assalto, obrigado tanto das razoens referidas, quanto da informação de hum Sargento chamado Roboredo, que fugio da Praça, e lhe individuou o aperto a que estava reduzida, a ruina das muralhas, e a certeza de a render, se se resolvesse a passar do assedio aos assaltos, que a debilidadade, e pouco numero dos sitiados não poderião resistir. Repartiraõ-se as ordens pela gente destinada para o assalto, e pelos Terços, que lhe haviaõ de dar calor. Formaraõ-se na circumferencia da Praça, e no quarto da alva favorecidos de huma densa nevoa, atacaraõ a muralha, que olha á parte de S. Bento, que era a que o Sargento lhe havia apontado; e por todas as trincheiras fize-raõ varias divertioens, para que divertindo-se o pouco numero dos sitiados, não accodissem todos á principal defensa. Achavaõ-se nas muralhas os Capitaens Diogo de Caldas Barbosa, Luiz de Sousa de Castro, Carlos Malheiro Pereira, Francisco da Cunha da Silva, Gonçallo da Cunha de Lemos, Francisco Pita Malheiro, Alexandre de Sousa, e Azevedo, Bartholomeu da Silva, João Pereira Caldas, Christovaõ Ferraõ, João Pereira Pinto, Manoel Soares Brandaõ, Francisco de Araujo Bello, Rafael Rebello Soares, Domingos de Almeida Cabral, e outros Officiaes de menores postos, assistindo a todos com incansavel valor Lourenço de Amorim. Ao tempo que os inimigos começaraõ a marchar, se tocou arma, e os obrigou a apressarem a marcha, e a arrimarem valerosamente as escadas que levavaõ prevenidas. Subiraõ por ellas grande numero de Officiaes, e Soldados: porém constangidos dos artificios de fogo, traves, pedras, e outros instrumen-

Resistem os sitiados hum furioso assalto, e rendem a Praça, por extinguirem quasi rotalmente os defensores della.

Anno
1659.

mentos, baixavão mais depresso, do que subião, huns mortos, outros feridos: os que escaparaõ, se retiraraõ com grande diligencia, não bastando a detellos os Terços da reserva, nem as persuazoens dos sitiados, que com alentado espirito lhes diziaõ, que voltassem ao assalto, que acodissem pela honra da sua Nação, que dessem conta aos seus Cabos das escadas, que lhes entregaraõ, e outras affrontas, que puderaõ persuadillos, se o medo, com que fugião, lhes dera lugar a ouvillas. Com este máo successo cessaraõ as mampostas dos inimigos, que furiosamente havião jogado: os Terços se retirarãõ, o que examinado pelos sitiados, baixarãõ pelas escadas, que os Castelhanos haviãõ deixado, e desfardaraõ grande numero de Officiaes, e Soldados; pequeno premio do trabalho, que padeciãõ, e do valor com que peleijaraõ: sendo tambem memoraveis as acçoẽs de Helena Peres, e das outras mulheres, que lhe assistiaõ; porque tomando grandes pedras á cabeça, as lançavãõ dos parapetos sem temor das ballas, de que resultou gravissimo damno aos inimigos, que só conseguiraõ entrarem as trincheiras, que estavãõ desamparadas; e não podendo recolher-se á Praça o Alferes reformado João de Passos, que andava de ronda, por aguardar pelas sentinellas, foi investido dos Castelhanos, e depois de venderem todos caras as vidas, as perderãõ na defesa da Praça; e era taõ geral o valor de todos os sitiados, que entrando os Gallegos em humas cazas, em que estavaõ alojados quantidade de enfermos, se levantarãõ todos, e com as espadas que tinhãõ junto das camas, matando, e morrendo, deraõ as vidas; glorioso remate, depois de padecerem tão continuos trabalhos, e miserias, que alguns Soldados obrigados de implacavel fome, vendo que hum balla de artilharia despedaçara hum Soldado, que estava de sentinella, correrãõ a colher os pedaços, e investirãõ ao furioso intento de os assarem; o que executaraõ, a não serem impedidos de Francilco de Arahujo Bello, e João Pereira Pinto, que com intimo sentimento divertiraõ taõ lastimoso espectaculo; que era inculpavel nos vivos, buscar o sustento nos corpos daquelles, por-

Anno
1659.

cuja defenſa, pouco eſpaço antes, offerenciaſ as vidas: Entrando o arrebalde, levantaraſ os inimigos huma trincheira que corria da Ermida de Noſſa Senhora do Outeiro ao Convento das Freiras. Logo que amanheceo, ſe oppuzeraſ os ſitiados ao damno, que daquella parte começavaſ a receber: porẽm já era baldada eſta oppoſiçaſ, porque além de eſtarem deſtituidos das eſperanças do ſocorro, eraſ taſ poucos os que ſe achavaſ capazes de tomar armas, que já parecia deſeſperaçaſ a reſiſtencia. Os inimigos puxaraſ pela artilharia groſſa, e começaraſ a bater as muralhas daquella parte, e querendo arrimar mantas em a noite ſeguinte com o fim de as picarem, foraſ rebatidos com grande perda: porẽm a artilharia começou a abrir taſ grandes brechas, que era o ultimo remedio dos ſitiados as cortaduras, e em todas eſtas operaçoens ſe acabava de extinguir a guarniçaſ; porque as ballas, e as aſtilhas occaſionavaſ igual perigo. Foraſ feridos dellas os Capitaens Diogo de Caldas, Carlos Malheiro, e Joaſ Malheiro Moſcoſo. A eſte trabalho ſe juntou o perigo de duas minas, que em cinco dias paſſaraſ à ſegunda muralha, e huma caminhava para o armazem da polvora. Logo que os ſitiados as ſentiraſ, mandou o Governador trabalhar nas contraminas, e acodindo todos com incrível diligencia a taſ diversos conflictos, fizeram os inimigos huma chamada a ſete de Fevereiro, ſuſpenderaſ ſe as armas, e foi a primeira a que deu pratica Lourenço de Amorim. Mandou receber huma propoſta do Marquez de Vianna, em que o perſuadia rendeſſe a Praça, pois ſe achava deſeſperado do ſocorro, com as brechas abertas, e as minas atacadas, ſem mantimentos, muniçoens, nem gente, e que ſe acato a ſua reſiſtencia paſſaſſe de valor a obſtinaçaſ, mandaria dar fogo ás minas, e aſſaltar as brechas com ordem de ſe não dar quartel a algum dos que ſe achalſſem vivos na Praça. Chamou Lourenço de Amorim a Conſelho, moſtrou a propoſta a todos os Officiaes, e ponderando ſe, que de dous mil homens, de que havia conſtado a guarniçaſ daquella Praça, não chegavaſ a duzentos, os que ſe achavaſ capazes de tomar armas, debilitados de fome, e enfermidades

dades; e que ainda que o numero fora muito superior, não poderião defender-se das brechas, e minas com que estavam atacados; o que considerado por todos, resolverão, que a Praça se entregasse, concordando o Marquez de Vianna nas capitulaçoens seguintes.

Que os sitiados querião render a Praça, concedendo-lhes o Marquez General duas peças de artilharia, e o sahir com a sua gente formada pela brecha, corda aceza, balla em bocca, bandeiras despregadas, tocando caixas, carruagens para os Officiaes, e para os enfermos, e feridos, e aos mercadores se lhes daria tambem toda a carruagem, que lhes fosse necessaria para o seu fato: e que não lhe sendo possivel o poderem sahir logo todos os paizanos, se lhes concedesse quinze dias de prazo, para dentro delles se poderem retirar com a roupa, com que alli se achassem, e se lhe não faria nenhuma hostilidade, nem vexação, antes se lhes seguraria a campanha, e a carruagem se lhes desse até o lugar da Portela, em que se finda o termo da Villa de Monção, e se passarião refens de huma, e outra parte: e que ás Religiosas darião toda a carruagem, e todo o mais necessario, para ellas sahirem, e rerirarem todo o seu fato: que concedendo-lhes estes partidos, se renderião, e negando-se, se querião defender.

Remeteo Lourenço de Amorim estes capitulos ao Marquez de Vianna, que depois de examinados, e de se gastarem algumas horas de debate, concedeo aos sitiados, que sahissem formados pela brecha com balla em boca, e corda aceza, bandeiras despregadas, tocando caixas, e com huma peça de artilharia: que se lhes darião todas as carruagens que fossem necessarias para os Officiaes, e Soldados enfermos, e para a roupa dos paizanos; dando-se-lhes hum mez de prazo para commodamente as poderem conduzir. Aceitou Lourenço de Amorim estas capitulaçoens, derão-se refens, introduzio D. Balthasar Pantoja guarnição na Praça, sahio della Lourenço de Amorim com duzentos e trinta e seis Soldados formados, os mais delles tão debeis, que admirado D. Balthasar Pantoja, depois de averiguar, que não era maior o numero dos de-
fenso-

Anno
1659

fentores capazes de tomar armas, disse, que ao mesmo que via, não podia dar credito, e chamando os Officiaes dos Terços, e da Cavallaria do exercito, os exhortou a que aprendessem naquelles valerosos Soldados o modo com que haviaõ de defender as Praças. Deu-se comboy a Lourenço de Amorim, que o seguiu até o rio Bom: passou ao nosso quartel, e foi recebido do Visconde, e de todos os mais que o acompanhavaõ, com as honras, e louvores, que taõ egregiamente haviaõ merecido, e a todos os Officiaes empregou logo em varios postos. Os moradores passaraõ a Portugal, sem haver algum que se rendesse aos rogos, e promessas do Marquez de Vianna, acabando de apurar com esta constante resolução a sua fidelidade.

Em quanto succedeo na Praça o que fica referido, determinou o Visconde, defenganado de lhe não haver de chegar soccorro algum de Alentejo; porque a fortuna da vitoria das linhas descompoz todo o discurso prudente, sendo muitas vezes na fragilidade humana taõ nocivas as felicidades, como as desgraças; determinou com o pouco, e inconstante poder com que se achava, que não chegava a tres mil homens, passar o rio Minho para animar os sitiados, e divertir os inimigos. Tomou o Conde de Miranda por sua conta o cuidado de preparar as barcas, assistido do Tenente de Mestre de Campo General Joseph de Sousa Sid, que a Rainha havia mandado de Lisboa a servir naquella campanha. Prepararaõ-se promptamente os barcos, e entregou o Visconde a execução de se lançarem ao rio, ao Tenente de Mestre de Campo General Antonio Soares da Costa. Deferio a elle sem causa da noite de dous de Fevereiro para a seguinte com taõ infelice successo, que fugindo hum Soldado de cavallo para os inimigos, baldou com a noticia, que deu destas prevençoens, todo o emprego dellas; porque logo guarnecerãõ o sitio, donde se intentava lançar as barcas, e ficou o Visconde totalmente destituido das esperanças de soccorrer a Praça. Tanto que chegou Lourenço de Amorim, entendeu o Visconde (como succedeo) que o Marquez de Vianna com o exercito vitorioso havia de passar o
rio

Anno
1659.

rio a buscallo no quartel em que assistia. Com esta prudente imaginação determinou retirar-se, e querendo executallo na manhã de nove de Fevereiro, teve noticia que os inimigos passavaõ o rio, e aconselhando-lhe o perigo a brevidade, e naõ lhe embaraçando a repentina noticia a boa direcçãõ, poz os Terços, e batalhoens em marcha, e entregou ao Conde de Miranda a artilharia, e bagagens; porque como era a parte, em que considerava maior perigo, merecia maior cuidado; e ordenou a Fernão de Sousa Coutinho, com que trezentos cavallos, e algumas mangas de mosqueteiros detivesse a marcha do inimigo, até se expor ao perigo ultimo. Marchou Fernão de Sousa com tanta diligencia, que achou o exercito com grande pressa passando o rio. Suspenderaõ os Gallegos esta deliberação, reconhecendo a nossa Cavallaria, e Fernão de Sousa occupou huma collina, que ficava emminente a toda a campanha, e cobria a marcha do nosso pequeno poder. Valeo-se o Visconde deste beneficio do tempo, e sem confusão, ou desordem alguma fez continuar a marcha, visitando com sũma vigilancia os passos mais difficultosos, que segurava, como pedia o perigo delles. O Marquez de Viana reconhecendo o intento da nossa Cavallaria, ordenou ao Mestre de Campo General, mandasse investilla. Offerceo-se o General da Cavallaria, para executor desta empreza, e fiou-se dignamente do seu valor. Escolheo quinhentos cavallos, e os Terços do Mestre de Campo D. Affonso Peres, e outro governado pelo Sargento Maior D. João Queixada, e marchou a ganhar o posto que occupava Fernão de Sousa, com firme confiança de conseguir o intento a que se arrojava. Facilitou-a Fernão de Sousa com muita industria; porque ao tempo que os Gallegos chegavãõ quasi ao alto da eminencia, em que estava formado, retirou os batalhoens a distancia, que bastava para se lhe encobrirem. Entenderãõ elles, que o receio os fazia voltar as costas, e por este respeito adiantou o General da Cavallaria a vanguarda, por não perder o emprego da vitoria. Porém chegando ao alto da collina, donde suppunha descobrir a nossa Cavallaria fugitiva, a achou tão prompta para a execução que havia pre-

medi-

Anno
1659.

Retira o
Visconde o
exercito á
vista dos ini-
migos vale-
rosa, e mi-
litarmente,
e segura-o,
passada a
ponte ao rio
Mouro.

meditado, que sem o menor intervallo investio a nossa gente valerosamente os batalhoens da vanguarda, que acompanhavão confusos ao General, e sem difficuldade os desbaratarão, ficando mortos o Mestre de Campo D. Affonso Peres, o Capitão de couraças D. Affonso Antelo, e muito mal ferido o Capitão de cavallos D. Bartholomeu Mosquechos. O exemplo dos batalhoens da vanguarda seguirão os mais que subirão ao monte, deixando a Infantaria exposta aos golpes das espadas dos nossos Soldados, que cortarão pouco nos rendidos; e Fernão de Sousa vendo que o seu calor podia mal-lograr o bom successo conseguido, se adiantou a detellos. Obedecerão promptamente, tornaraõ a formar-se, tendo grande parte em todas estas operaçoens Domingos da Ponte Gallego, Tenente General da Cavallaria de Tras os Montes. Foi morto ao primeiro encontro o Alferes Domingos Laburt, Cabo dos batedores; ficou ferido o Capitão João da Cunha Sotto-Maior, e todos os Officiaes procederão valerosamente signalando-se Ignacio da Franca, Tenente de João da Cunha; porque adiantando-se dos batalhoens, matou na frente da sua Companhia ao Capitão D. Affonso Antelo, contado por hum dos mais valerosos do exercito inimigo. Com este successo se adiantou muito a marcha da Infantaria, e Artilharia, e melhorando de terreno, por ser mais aspero, occuparaõ mangas de mosqueteiros varios postos, que seguravão a marcha, largando-os a tempo, que outras haviaõ ganhado sitios da mesma importancia, e pouco a pouco se hia segurando o nosso partido. Os Cabos inimigos tornaraõ a compor o exercito, que havia acabado de passar o rio, e por lugares asperos introduziraõ quantidade de mangas de mosqueteiros, intentando desalojar a nossa Cavallaria: porém os dous Tenentes Generaes valerosos, e persistentes reconhecendo que a sua constancia salvava não só a gente, que marchava, mas toda a Provincia, não largaraõ aquelle posto, sem reconhecerem, que o Visconde se havia adiantado a sitio, em que já era inutil a sua firmeza. Mas quando quizerão retirar-se, vinha taõ perto o exercito inimigo, que lhe foi necessario usarem da contramarcha, ficando

Anno
1659.

ficando na retaguarda os dous Tenentes Generaes com vinte cavallos escolhidos, de que era Cabo o Tenente Ignacio da Franca. Necessitaraõ os batalhoens de entram por hum passo estreito, para melhorarem de posto na colla da nossa Infantaria. Reconheceraõ os inimigos esta ventagem, e correrãõ alguns batalhoens furiosamente a logralla; porẽm achãraõ na entrada do passo aos Tenentes Generaes com os vinte cavallos, e outros que se lhe aggregaraõ, que o defenderãõ todo o tempo, que bastou para os batalhoens melhorarem de posto, não fazendo cazo dos mosquetes das mangas inimigas, que a toda a diligencia occupavãõ os penhalcos emminentes aos sitios, por onde a Cavallaria se retirava: e os Gallegos vendo a resolução com que erãõ rebatidos, se não atreviaõ a investir, sem virem formados, e com batalhoens superiores. Esta receosa disciplina deu tempo aos Tenentes Generaes, a que dividissem em dous troços os trezentos cavallos, com que se retiravãõ; ajustavaõ-se de sorte nesta divisaõ, que o tempo que hum gastava em rebater os batalhoens, que carregavãõ, lograva o outro para adiantar a marcha por esta causa tão vagarosa, que a distancia de huma só legoa gastou todo hum dia. Antes de cerrar a noite, chegou a avisalos o Tenente de Mestre de Campo General Joseph de Sousa Cid da parte do Visconde, que a artilharia havia passado a ponte do rio Mouro, vencendo o Conde de Miranda quasi insuperaveis difficuldades, ajudado de D. Francisco de Azevedo, e Miguel de Lascol. Livres os Tenentes Generaes com este aviso de maior cuidado, e faltando-lhes já neste tempo a campanha, que lhes tinha facilitado retirarem-se na fórma referida, deraõ ordem ás Companhias da vanguarda, que desfiladas á redea solta, se arrojassem a passar a ponte do rio Mouro; e prevenirãõ aos Soldados, recomendando-lhes a brevidade, para que os da vanguarda não embaraçassem os da retaguarda, carregando os o inimigos com todo o poder na estreiteza daquelle passo, como succedeo; porẽm a ordem foi tao bem executada, favorecida do escuro da noite, que quando os Gallegos se resolverãõ a empenhar-se, sem receio já a maior parte

Anno
1659.A quartela-
se nas Alde-
as das Cho-
ças.Rende-se
Salvaterra.Resolve a
Rainha Re-
gente for-
mar novo
exercito pa-
ra a defen-
sa do Minho.

te dos trezentos cavallos havia passado a ponte; e os Tenentes Generaes com os Officiaes das Companhias, o Governador do Priorado do Crato, o Balío, e alguns Soldados resistiraõ com tanto valor o impeto dos inimigos, que investindo-os na ultima conclusaõ galhardamente, os fizeraõ alargar de sorte, que tiveraõ lugar de passar a ponte já guarnecida com mosqueteiros nossos. Fizeraõ alto os Gallegos, e o Marquez de Vianna defenganado do intento, que havia trazido, não continuou a marcha. O Visconde fez alto ao amanhecer nas Aldeas das Choças, havendo os Soldados padecido grande trabalho; porém não dá molestia, o que se logra na felicidade. Foi muito grande a que se conseguiu naquelle successo; porque além do valor com que pelejou, e destreza com que o Visconde salvou aquelle troço do exercito, livrou-se aquella Provincia de grande ruina. Salvaterra governada por Antonio de Almeida Carvalhaes, tanto que Monção se rendeu, seguiu a mesma fortuna com as mesmas capitulaçoens, por ser impossivel a sua defenfa, e o Marquez de Vianna dividio o exercito pelos quarteis. Chegou ao Visconde esta noticia, e tratou com grande diligencia da fortificaçaõ de Caminha, dividindo a gente pelas guarniçoens; fez trabalhar nas outras Praças com incessante dilvelo pelo grande perigo, a que todas ficavaõ expostas.

A nova da infelicidade dos successos de Entre Douro, e Minho recebeo a Rainha com grande sentimento, assim pelo perigo daquella Provincia, como por entender que a demasiada satisfaçaõ da vitoria das linhas de Elvas desbaratavaõ a prudencia, com que era necessario accodir se ao soccorro de Monção; mas accrescentando aos males passados o receio dos damnos futuros, tratou com toda a attençaõ de lhe prevenir os remedios, formando hum exercito capaz de resistir os progressos dos inimigos na Provincia de Entre Douro, e Minho. Foi a primeira diligencia ordenar a Joaõ Nunes da Cunha, naquelle tempo Deputado da Junta dos Tres Estados, que com largos poderes passasse a Entre Douro, e Minho a formar os Terços, e Companhias de cavallos, que julgasse precisas,

Anno
1659.

fas, e fazer o assento de pão de munição, e prevenir o trem da artilharia; entendendo justamente a Rainha, que a grande capacidade, inteireza, e zelo de João Nunes da Cunha bastaria a persuadir aquelles povos a contribuhirem com os tributos necessarios á sua defenſa. Justificou a experiencia o acerto desta eleição; porque á diligencia, e á industria de João Nunes da Cunha deveo Entre Douro, e Minho huma das melhores partes da sua defenſa. Nomeou juntamente a Rainha ao Conde da Torre, Mestre de Campo General do Visconde, e ao Conde de S. João General da Cavallaria de Entre Douro, e Minho, e Tras os Montes, e a Simão Correa da Silva, Conde da Castanheira, General da Artilharia; e ordenou ao Conde de Misquittella passasse sem dilação ao governo das Armas da Provincia de Tras os Montes, com declaração, que sem dependencia de nova ordem, acodisse a soccorrer a Entre Douro, e Minho, todas as vezes que os inimigos a invadissem. Partio João Nunes primeiro que os mais nomeados, e logo começou a dar á execução as ordens que levava, levantando quatro Terços de Infantaria pagos, comprando cavallos para novas Companhias, formando Terços de Auxiliares com tanta brevidade, pouca despeza da fazenda Real, e grande satisfação dos povos, que as mesmas operaçoens executadas parecião incriveis. Quando começou a comprar cavallos, chegou o Conde de S. João, e em breves dias formou as Companhias da gente mais nobre daquella Provincia, e passou á de Tras os Montes a fazer a mesma diligencia. Neste tempo ganharão os Gallegos o Forte da Portella de Vez, guarnecido com cento e cincoenta Infantes, que não fizeraõ resistencia alguma, e ficou descuberto todo aquelle districto. João Nunes da Cunha sentido desta desgraça, propoz ao Visconde a empreza da Cidade de Tui, offerecendo-se a facilitar todos os meios que parecessem convenientes. Afeiçãoou-se o Visconde a esta opinião, deu conta á Rainha; porém os Conselheiros de Guerra, com quem a Rainha se conformou, foraõ de parecer, que se guardasse esta empreza (que nunca teve effeito) para tempo, em que o exercito do Minho estivesse acabado de formar.

A Pro-

Anno

1659.

Varios successos da
Provincia de
Tras os Mõ-
tes, e dos
dous parti-
dos da Beira.

A Provincia de Tras os Montes governava o Mestre de Campo Antonio Jaques de Paiva, quando se renderão em Entre Douro, e Minho as Praças de Monção, e Salvaterra; e reconhecendo a visinhança do perigo, e os poucos meios que havia naquella Provincia para se defender, fez vivas instancias á Rainha, para que o Conde de Misquitella, nomeado Governador das Armas de Traz os Montes, se não dilatasse. Partio o Conde para Chaves, pouco tempo depois da batalha de Elvas, e ainda mal convalecido da grande enfermidade, que padeceo; sem dilação correo a Provincia, tratou das fortificaçoens das Praças mais importantes, formou Auxiliares, e Ordenanças; prevençoens, com que deteve as entradas dos Castelhanos por todo o discurso deste anno.

O partido de Almeida entregou a Rainha ao Conde da Feira; eleição geralmente applaudida; por concorrerem no Conde valor, juizo, e prudencia, e todas as mais virtudes, que o constituhião merecedor dos maiores lugares. Logo que chegou a Almeida, tratou com todo o cuidado da fortificação das Praças, e augmento das Tropas, o que conseguiu tanto pela sua actividade, quanto pelas assistencias da Corte, em que era melhor livrado, que os outros Governadores das armas, pela authoridade de seu fogro o Conde de Odemira, que o amava, e respeitava, como merecia a sua qualidade, e procedimento. O trabalho que a Cavallaria de huma, e outra parte havia padecido o anno antecedente, fez taõ appetecido o descanço, que não houve operação militar, que mereça ser referida. No partido de Penamacor se passou com igual foccego: tornou-o a governar D. Sancho Manoel, como fica declarado, e em todas as Provincias descançaraõ as Tropas de huma, e outra parte, para darem principio a maiores emprezas.

A Rainha Regente havia acudido a todos os accidentes da Monarquia com juizo taõ util, e taõ prudente. illustrado das experiencias dos negocios gravissimos, que manejava a sua direcção, que era nas Cortes de Europa exemplar de valor, e entendimento varonil. Desejava summamente augmentar esta opinião na educação del-Rey
seu

Anno
1659.Dispoem a
Rainha Ca-
sa a ElRey.

seu filho já entrado na idade de dezaseis annos, e para conseguir este virtuoso intento, não perdoava a diligencia alguma, Divina, e humana, mandando pelas Religioens pedir a Deos a emenda dos desconcertos del-Rey, e procurando incessantemente atalhalos, hora com rogos, hora com ameaços; porque o amor affectuoso de mãy, e o perigo infallivel do Reyno não deixavaõ afroxar o cuidado continuo de importancias taõ relevantes; porém não bastavaõ tantas attençoens virtuosas, para cobrar o desencaminhado animo delRey perturbado com a razaõ original de seus achaques, e pervertido com os exemplos perniciosos de alguns de seus assistentes. Antonio de Conte estava já neste tempo resolutto a se arrojar ao mar tempestuoso da difficullosa empreza de representar no theatro do mundo o papel de valído de hum poderoso Rey, totalmente separado do temor das ondas politicas, que furiosamente o ameaçavaõ; e considerando que não lhe era possivel encobrir a humildade do seu nascimento, largou a tenda da Capella, com o pretexto de haver descuberto a nobreza da sua geraçaõ, pertendendo provar ser descendente da casa de Vintimilia, familia nobilissima do Reyno de Sicilia, e facilmente achou testemunhas, que o affirmassem, passando na esperança da recompensa pelo delicto da falsidade. Foi ElRey o primeiro, que deu credito a esta sua ficçaõ, e como bastava a Antonio de Conte que fosse o unico, logrou tantas ventagens no seu favor, que já as suas entradas não eraõ por partes occultas, nem a sua assistencia separada delRey. O remedio que a Rainha buscou para atalhar estes, e outros inconvenientes, foy separar ElRey do seu quarto, e signalar-lhe outro novamente fabricado junto ao Forte, que banhado das aguas do Tejo, parece que com a prata, e ouro daquelle rio enriquece o Occeano; e para decorosa assistencia da sua grandeza lhe nomeou por Gentil-homens da Camara ao Marquez de Gouvea, ao Conde de Prado, Garcia de Mello, Monteiro mor, Luiz de Mello, Porteiro mór, e D. Joaõ de Almeida: servia juntamente o Marquez de Mordomo mór, Garcia de Mello de Camareiro mór, o Conde do Prado de Estribeiro mór, e passan-

Nemealhe
Gentis-ho-
mens da
Camara.

Anno
1659.

do brevemente a governar a Provincia de Entre-Douro, e Minho, lhe succedeo o Visconde de Villa Nova; e a D. Joaõ de Almeida, que servia de Reposteiro mór, Luiz de Vasconcellos e Souza, Conde de Castello Melhor, e foy a resolução da Rainha, que servissem ás semanas: e para que o trabalho ficasse mais toleravel, nomeou ao Conde de Val de Reys, ao Conde de Obidos, ao Conde de Aveiras, D. Thomaz de Noronha, e a Francisco de Souza Goutinho: porém durando lhe pouco tempo a vida, foi eleito em seu lugar D. Pedro de Castello Branco, Conde de Pombeiro, e de todos os nomeados, só os primeiros, cada hum sua semana ficava de noite assistindo a ElRey; e juntamente foraõ eleitos outros Officiaes, e criados inferiores para a assistencia da Casa delRey. Ficou o Conde de Odemira continuando as preminencias de Ayo. Nestes successos, e disposiçoens politicas com o absoluto imperio que tem no Mundo, gastou o tempo na Corte o anno que escrevemos, e no seguinte (como em seu lugar daremos noticia) passou ElRey ao novo quarto, que lhe estava destinado.

Manda por
Embaixador
a França o
Conde de
Soure.

O estado em que ficou o Reyno depois das campanhas de Badajoz, e Elvas pelas faltas de gente, e cabedal, obrigarão á Rainha Regente a nomear Embaixador extraordinario a ElRey de França ao Conde de Soure, ficando do seu grande talento, e louvavel zelo a conclusão dos importantes negocios que lhe encomendou, que novos accidentes, depois de partir, fizeraõ maiores. Ainda que os pezares, que o Conde havia padecido, e a molestia do achaque da gotta, que tolerava, puderaõ escusalo do trabalho desta jornada, prevalecendo sempre no seu animo a utilidade publica, depoz a queixa, e superou achaques, e aceitando a embaixada, se dispoz a partir para França. Continha a instrucção, que a Rainha lhe mandou dar: representar em França a perigosa conservação deste Reyno, ainda que vitorioso, com as perdas de muitas tropas velhas nos sitios de Badajoz, Elvas, e Monção, e por esta causa pedir a ElRey Christianissimo soccorro de quatro mil Infantes formados em seis Regimentos, e mil cavallos pagos com o dinheiro de França:

po-

poder escolher, e capitular com dous fugeitos de opiniaõ conhecida para occuparem os postos de Mestres de Campo Generaes, approvado o seu prestimo, e fidelidade pelo Cardeal Julio Massarino, primeiro Ministro daquella Coroa; e naõ se podendo conseguir estes soccorros á custa de França, pedisse licença para levantar aquelle mesmo numero de gente por conta delRey, entregando-se-lhe para este effeito hum credito de cem mil cruzados. Individuava juntamente a instrucçaõ todos os passos, que nas Embaixadas antecedentes se haviaõ dado em seguimento do tratado da liga offensiva, e defensiva daquella Coroa, e se encomendava ao Conde procurasse a ultima resoluçaõ della: que fizesse aviso a Londres a Francisco de Mello do successo deste negocio; porque se em França se naõ concluisse, tinha ordem para ajustar nesta mesma fórma, a liga em Inglaterra, que varias vezes se lhe havia offerecido. Partio o Conde de Lisboa a treze de Abril em huma não Ingleza, e levou por Secretario da Embaixada a Duarte Ribeiro de Macedo, que havia acabado o triennio de Provedor da Comarca da Torre de Moncorvo, e fugeito de merecida estimaçaõ. Foi comboyado de huma não de guerra da mesma Naçaõ, obrigando-se o Capitaõ a chegar com elle até o porto de Avre de Graça. Experimentou o Conde taõ contrarios no mar os ventos, como depois na terra os negocios, obrigando-o as tempestades a gastar quarenta dias do porto de Lisboa ao Canal de Inglaterra. Naquella altura encontrou tres fragatas de guerra Inglezas, e reconhecendo se humas a outras, se puzeraõ á capa, e os tres Capitaens vieraõ a bordo do navio do Conde Embaixador a visitalo. Deraõ-lhe noticia de que o governo de Inglaterra padecia universal mudança; porque Ricardo Cromuel, que havia succedido a seu pay no governo supremo, e titulo de Protector, estava deposto, e reduzido a vida particular, e o Parlamento occupava a authoridade soberana: que o tratado da paz entre as Coroas de França, e Castella se tinha por ajustado; porque em Flandes se havia publicado suspensaõ de armas até nova ordem; e achando se poderoso o partido de França, naõ era crível arrojarse a perder os interesses,

Anno
1659

Chega áquel-
le Reyno,
quando se
começava a
tratar a paz
entre a quel-
la Coroa, e a
de Castella.

que podia esperar da guerra na campanha presente, sem a esperança infallivel da paz futura. Deu grande pena ao Embaixador esta noticia, porque a verdade della alterava a substancia das instrucçoens que levava, mudava a fórma aos negocios, e passava o cuidado delles a difficil emprego; não ficando mais esperança, que a negoceação de entrar no tratado da paz, ou conseguir alguma favoravel reserva, succedendo ficar fóra della. Despedidos os Capitaens, entrou a não no porto de Plemuth, e achando o Conde verificada a nova do tratado da paz, escreveu á Rainha, dandolhe esta noticia; remetteo as cartas a Francisco de Mello, e fez-lhe aviso da viagem que levava, e do novo cuidado, que lhe perturbava a primeira direcção, e que em Pariz esperava reposta sua, e informação dos negocios presentes. Passados dous dias, partio o Conde para Avre de Gracia, onde entrou em vinte e seis de Mayo. Continuava o governo da Monarquia de França a Rainha Regente Dona Anna de Austria, e entrava ElRey seu filho Luiz XIV. na idade de vinte e hum annos com disposição, e gentileza correspondentes á grandeza do nascimento, e com partes adquiridas nos exercicios das artes liberaes. Os divertimentos da Corte o separavaõ de tal sorte dos cuidados do governo, que padecia as censuras dos Cortesaõs, que brevemente emendáraõ as suas heroicas acçoens. Governava a Rainha a unica assistencia do Cardeal Julio Massarino, que lhe devia a constante resolução, com que o conservou em o lugar mais supremo entre os tumultos Civis, que o odio do seu poder suscitou naquella Monarquia. Não desmerecia o talento do Cardeal a sua fortuna, logrando-a pacifica na ausencia de França do Principe de Condé, e satisfeito o animo socegado do Duque de Orleans Gastaõ de França, e empenhadas as maiores casas de França com as alianças de suas sobrinhas. Sustentava a guerra de França com prosperos successos debaixo do governo do Marichal de Turena, e entretinha-se com moderadas forças em Catalunha, e Italia.

Era o maior cuidado da Corte o casamento delRey e quatro as Princezas que se propunhaõ; a de Portugal
Dona

Anno
1659.

Dona Catharina, depois Rainha de Inglaterra, Henriqueta de Inglaterra, que foy Duqueza de Orleans, Margarita de Saboya, que casou com o Duque de Parma, Dona Maria Theresa de Castella, preferida a todos no gosto, e nas conveniencias da Rainha mãy; e por esta causa as diligencias, que se faziaõ com as mais, eraõ apparentes, e serviaõ só de dar ciumes ao Reyno de Castella, e todo o poder das armas se encaminhava a fazer precisa a paz pelo caminho deste matrimonio, por cuja conclusãõ naõ duvidava a Rainha mãy sacrificar o Reyno de Portugal aos interesses de Castella, e o Conde de Cominges, Embaixador de França em Lisboa, entretinha a pratica do casamento no mesmo tempo, que em Madrid sollicitava o effeito delles o Senhor Dilione; havendo declarado, que a paz sumamente desejada dos Ministros de Castella, se naõ havia de concluir sem se ajustar o casamento. Retardava El Rey D. Philippe juntamente esta resoluçãõ, conhecendo mal segura a sua saude, e ficando a successãõ daquella Monarquia fiada só em hum Principe de poucos annos, e grande debilidade. A Rainha mãy vendo esta perplexidade del Rey seu irmão, determinou vencela com hum bem logrado artificio. Publicou que casava El Rey seu filho em Saboia, e ajustou avistar-se com Madama Real sua cunhada em Leaõ, para onde partio acompanhada de seus filhos, applicando que corresse a opiniaõ, de que hia ajustar o casamento com a princeza Margarita. Chegando a Corte a Leaõ, e juntamente Madama Real com a Princeza Margarita, foraõ taõ admiradas as suas perfeiçoens, que se deu o casamento por ajustado. Chegou esta noticia a Madrid a tempo, que El Rey D. Philippe se achava com mais hum successor; e concorrendo este successo, e aquella noticia em beneficio do intento da Rainha mãy, deliberou El Rey D. Philippe mandar pela posta a Leaõ a D. Antonio Pimentel, pratico Ministro daquella Coroa, a lançar com o Cardeal os primeiros projectos do casamento, e da paz. Chegou D. Antonio a Leaõ, e a poucos lances se rompeo o tratado do casamento de Saboia; passou a Corte a Pariz, retirou-se Madama Real mal satisfeita do engano padecido, e adiantou-se de forte

Anno
1659.

te a negoceaçaõ com Castella, que nos primeiros dias de Abril se publicou a suspençaõ de armas entre ambas as Coroas. Todas estas noticias achou o Conde Embaixador em Avre de Gracia, e juntamente que a tregoa estava em pratica, e declarado o dia para a jornada do Cardeal Massarino ás conferencias dos Pyrneos. Fez á Rainha repetidos avisos de tantas, e taõ prejudiciaes novidades á conservaçaõ de Portugal; pediu novas instrucçoens, e meios para poder propor naquelle congresso a pratica da paz com esta Coroa; que podia ser admittida dos Castelhanos na desconfiança, de que os Francezes poderiaõ querer fomentar a guerra contra Castella nas campanhas de Portugal, e que o Cardeal Massarino pelos seus interesses naõ havia de desviar este designio. Partio o Embaixador para Ruaõ, onde achou aviso de Pariz de Feliciano Dourado, que naõ continuasse a jornada, sem elle chegar a buscalo; o que executou brevemente, e entre outras noticias, que deu ao Conde, lhe disse, que dando conta ao Cardeal da sua chegada a Avre de Gracia, lhe advertira que lhe communicasse, convinha passar a Pariz incognito a tratar com elle negocio de tanta importancia; que pedia larga conferencia; e accrescentou que o Cardeal reparava em receber huma Embaixada publica de Portugal no tempo, em que o tratado da paz de Castella fazia preciso desemparrar França os seus interesses.

Acha insuperaveis cõtra-dicções, e naõ pode divertir a fugida do Duque de Aveiro, que passou por França para Castella.

Com o enfado destas noticias partio o Embaixador de Leaõ, e chegou a Pariz a quatro de Junho: a sete teve audiencia do Cardeal, e deõs das primeiras ceremonias expoz brevemente o fim com que partira de Portugal, e o que continha a instrucçaõ da sua Embaixada; porẽm que achava naquella Corte taõ varios accidentes, que lhe parecia necessario fallar primeiro nelles, do que no soccorro dos Cabos, que vinha buscar; que ouvia estar ajustada a paz de Castella com exclusãõ dos interesses da sua Patria, o que entendia ser fama vaga, respeitando o summo acerto, com que o Cardeal encaminhava as conveniencias da Monarquia de França totalmente prejudicadas, facilitando pelo caminho proposto recuperar El-Rey Catholico os Reynos, e dilatados Senhorios de Portugal,

Anno
1659.

tugal, ficando facil aos Castelhanos cobrar com esta fortuna tudo, o que cedessem a França em os tratados da paz: que a separação de Portugal fora o successo mais desejado da acertada politica do Cardeal Rechilieu; e que vendo agora o Mundo sacrificado Portugal aos interesses delRey Catholico, necessariamente havia de entender, que ou fora errado o discurso daquelle Ministro, ou se não acertava na opiniaõ presente; e que se o Cardeal seguia a politica de deixar em Portugal huma occupação ás armas Castelhanas, resolvendo tacitamente soccorret as Portuguezas, advertisse não ser taõ segura aquella diversão, como fora a de Holanda, sustentada com os soccorros Francezes; porque Holanda tinha as difficuldades do terreno, cortado de Ribeiras, e Diques, que o faziaõ impenetravel; e Portugal tinha por vizinhos os Reynos de Castella com cem legoas de fronteira, que eraõ outras tantas portas aos exercitos Castelhanos; que os soccorros passavaõ a Holanda insensivelmente pela visinhança do paiz, e tinhaõ por ella reparação prompta as perdas das batalhas, e Praças: a Portugal haviaõ de passar pela incerteza, e vagares da navegação, que os fariaõ chegar quando ja não pudessem servir de remedio: que ultimamente lhe lembrava tantas promessas feitas a Portugal, ainda em communicações secretas, de que lhe mostraria sinaes firmados por Luiz XIII. Ouvio o Cardeal ao Embaixador com aquelle natural agrado, e paciencia, que tinha para dissimular, costumando magoar-se com os pertendentes queixosos das mesmas resoluções, de que era author, e que applicava como interesses proprios; e respondeo ao Conde na lingua Castelhana, que fallava com acerto: que elle julgava aquelle Reyno na precisa necessidade de fazer a paz; porque a tardança do casamento delRey havia suscitado huma geral murmuração em todos os seus vassallos, e que a inclinação da Rainha mãy a obrigava a escolher a infante de Castella, como a mais desejada condição da paz: que a nova mudança do governo de Inglaterra havia separado aquella Coroa dos interesses de França, com quem antes estava unida, deixando as armas Francezas sem aliados, em

Anno 1659. tempo que o Emperador levantava hum grosso exercito para foccorrer os Estados de Flandes: que os povos de França desejavaõ a paz, achando se faltos de commercio, opprimidos com grossas contribuiçoens, e com facil disposiçaõ a se alterarem na experiencia do primeiro successo contrario, que houvesse na guerra, o que daria opportuna occasiaõ a se declararem os parciaes do Principe de Cõ-dé, e a introduzirem outra vez em França os perigos da guerra Civil, e Portugal duvidára celebrar em França o tratado da liga por huma despeza, que se lhe pedira entre os apertos da oppressaõ dos annos antecedentes: que elle havia obrado, quanto lhe era possivel, pela inclusãõ de Portugal no tratado da paz, chegando a offerecer todas as Praças, que as armas Francezas tinhaõ occupado em Italia, Flandes, e Catalunha no discurso de vinte e cinco annos de guerra com dispendio inestimavel de sangue, e fazenda, e só pudéra conseguir huma tregoa de tres mezes, no discurso dos quaes tinha resolutõ enviar a Portugal hum Gentil-homem com proposiçoens que avaliava por praticaveis: que quando fosse tempo lhe daria parte das instrucçoens que levava, e entretanto cuidaria attentamente nos sугeitos que lhe pedia para Mestres de Campo Generaes, e em meynos para a passagem de tropas para Portugal: que a sua entrada podia dispor, e publicar-se na Corte; porque naõ se offerencia duvida em se continuarem com elle os tratamentos devidos á sua representaçaõ. Esta conferencia deixou desenganado o Conde de Soure de poder melhorar naquelle congresso os interesses do Reyno: suspendeo as diligencias até ter noticia das proposiçoens, que se mandavaõ a Portugal: deu contra á Rainha mãy do que havia passado com o Cardeal, instou pelas ordens que tinha pedido, e que se lhe facilitassem meynos, com que pudesse empenhar o Cardeal, e outros sугeitos importantes.

Era naquella Corte a materia mais ventilada a inclusãõ de Portugal no tratado das pazes: porem só os dependentes do governo avaliavaõ a exclusãõ por licita. Chegou neste tempo á Corte o Marichal de Turena, cujas heroicas virtudes eraõ nella a summa estimaçaõ. Ha-
via

Anno
1659.

via ganhado na campanha antecedente á batalha e Praça de Dunquerque, governando o exercito de Castella D. João de Austria; e a esperança de mayores successos na certeza da diminuição das tropas de Castella, o obrigavaõ a desejar que a guerra se continuasse. Havia mostrado em varias occasioens particular inclinação ao valor da Nação Portugueza, e seguindo a opiniaõ do Duque de Ruaõ, dizia, que tanto convinha a França a uniaõ inseparavel dos interesses de Portugal, como ao Imperio a de Castella, de que não era pequeno torcedor serem as mesmas as Baronias. Esta noticia obrigou ao Embaixador a buscar o Marichal, e experimentou que acertara o ditcurso; porque o Marichal se lhe offereceo a solicitar, quanto lhe fosse possivel, as conveniencias de Portugal, e que logo facilitaria a passagem de alguns sугeitos. Foi o primeiro que escolheo, Jeremias Jovet, que passou a este Reyno por Coronel de hum Regimento de Cavallaria, e acabada a guerra de Portugal, subio ao Posto de Mestre de Campo General das Tropas do Principe de Lussemburg. Poucos dias depois desta conferencia teve o Marichal de Turena occasião de fallar ao Cardeal em os negocios de Portugal, perguntando-lhe elle o seu parecer sobre os interesses da paz daquella Coroa com ElRey Catholico; e com o desembaraço adquirido em dilatados annos de desinteresse, lhe disse que não podia haver maior erro, que deixar expor o Reyno de Portugal á invasaõ de Castella, ministrando França com o desacerto desta politica os interesses de seus mayores inimigos, e tirando totalmente a confiança de seus aliados; sendo justo reconhecer França, que era este hum dos principaes motivos das vitorias, que haviaõ alcançado os seus exercitos contra as armas de Castella; e a estas acrescentou outras prudentissimas, e forçosas razoens, que pudéraõ ser de grande utilidade, a não estar a Rainha taõ empenhada no casamento de Castella, e o Cardeal inseparavel dos seus designios.

Chegou aviso áquella Corte, que D. Luiz de Aro havia sahido de Madrid para Fuente Rabia, e logo dispoz o Cardeal a sua jornada: dous dias antes de partir deu

Anno
1659.

deu audiencia ao Conde, que lhe tornou a representar a inclusão de Portugal na paz, os Cabos, e soccorros, e lhe pedia licença para o seguir, tanto que recebesse as novas ordens de Portugal, que aguardava por horas. Respondeolhe o Cardeal, que desejava summamente assistir aos negocios deste Reyno, assim pelos interesses de França, como pelo respeito, com que venerava as virtudes da Rainha mãy de Portugal: que tinha grande duvida a lhe nomear Cabos Francezes; porque seguindo-se a paz; poderiaõ duvidar os Portuguezes da sua fidelidade, e os Castelhanos arguir de pouco segura a fé do tratado: que procurasse ajustar para Mestres de Campo Generaes o Conde Federico de Schomberg, e o Conde de Insequim, o primeiro Alemaõ, o segundo Irlandez, fugeitos que haviaõ occupado os mesmos Postos, e adquirido nelles grande opiniaõ de praticos, e valerosos; que para deliberar os soccorros ficava tempo; porque ainda seguindo-se a paz entre as duas Coroas, e elle segurava hum anno de repouso, não sendo possivel aos Castelhanos introduzirem em menos tempo nas fronteiras de Portugal as tropas que desoccupassem de Italia, e Flandes: que deixava disposta a sua entrada, e teria cuidado de o avitar para seguir a jornada de Baiona, e escrever pelo Inviado que mandava a Portugal. Esta conferencia, e o desengano do Marichal de Turena, que communicou ao Conde, hindo a visitalo, o obrigou a perder de toda a esperança de ajustamento util no tratado da paz. Approvou o Marichal os dous fugeitos para Mestres de Campo Generaes, e nesta fé foi o primeiro, que se ajustou, o Conde de Insequim com mil cruzados de soldo cada mez, e patente de Mestre de Campo General, posto que serviria, ou no exercito, ou governando a Cavallaria tomando as ordens do Mestre de Campo General, que tivesse patente mais antiga, que a sua. Embarcou-se no porto da Arrouchela com hum filho seu: na altura de Vianna foi a náõ atacada de tres de Argel, e rendida depois de hum custoso combate, de que sahio mal ferido o filho do Conde. De Argel voltou resgatado a Lisboa, onde a Rainha mãy lhe mandou pagar os soldos vencidos desde o dia,

dia, em que se embarcára. Passou a Alentejo; mas a poucos dias de assistencia naquella Provincia teve aviso da restitução delRey da Gram Bretanha, o que lhe facilitou poder voltar á sua patria, e entrar na posse dos seus Estados, que havia perdido por Realista.

Havendo o Conde Embaixador prevenido a sua entrada com grande luzimento, lhe deu ElRey audiencia na Casa de Campo de Fonteneblaut. Partio de Pariz, e meia legoa antes de chegar á Corte, o aguardavaõ tres coches delRey, da Rainha mãy, e do Duque de Orleans: no delRey vinha o Marichal de Aumont, que recebeu nelle o Conde, e o conduzio a hum quarto do Paço, onde foy tres dias magnificamente hospedado. No seguinte o veyo buscar o Conde de Sueslons, filho do Principe Thomaz de Saboia, e o levou á audiencia delRey, e da Rainha, e no mesmo dia veio o Duque de Orleans acompanhado do Marichal Duplécis, que havia sido seu Aio. Acabada esta função, se retirou a Pariz, e constando lhe que os interessados no governo faziaõ correr, como justificada, a acção de se desemparrar Portugal pelo tratado da paz, lhe pareceo justificar a nossa causa com hum manifesto da justiça, e conveniencias della, passando pela difficuldade da offensa dos Ministros de França; porque as razoes do manifesto necessariamente haviaõ de condemnar as resoluções tomadas contra este Reyno no tratado da paz: porém a pouca esperança de se poderem alterar pelos meios ordinarios, obrigou ao Conde a buscar caminho extraordinario, muitas vezes util nos casos apertados. Tomada esta deliberação, encomendou o manifesto ao Secretario da Embaixada Duarte Ribeiro, que o imprimio na lingua Franceza, e depois o traduzio em Portugez. Continha vinte e sete razoes, que elegantemente concluhiaõ, que o maior interesse de França era não ajustar a paz sem a inclusão de Portugal. Espalhou-se este papel com taõ geral aceitação de toda a Corte, que julgou preciso o Cardeal Massarino mandar, que se recolhesse: passou ordem para ser preso o Impressor, e conhecendo se pelo estilo hum Francez, que o havia traduzido, foi pronunciado á prisão, de que o livrou a immynidade da casa do Conde Embaixador;

Anno
1659

dor; e no mesmo tempo o buscou o Conde de Briana Secretario de Estado, e lhe disse da parte do Cardeal, que a materia daquelle papel podia alterar o socego da Corte, que lhe pedia quizesse entregar as copias delle: porque as razoes, que continha, se deviaõ representar a ElRey seu Senhor, sem se entregarem á censura publica; e acabou insinuando, que se queixaria a Portugal. Respondeo-lhe o Embaixador, que o seu intento na impressãõ daquelle papel fora só informar aos Ministros de Sua Magestade Christianissima das justas causas, em que se fundava a pertençaõ delRey seu senhor, totalmente ignoradas naquella Corte; e que entendia não havia alterado o direito publico na impressãõ de hum memorial, que continha conveniencias reciprocas a ambas as Coroas; mas que por não faltar á sociedade, que desejava estabelecer, mandava entregar as copias com que se achava. Deraõ-se lhe oito, sendo mais de quinhentas as que se haviaõ espalhado. Queixou-se o Cardeal á Rainha, como o Conde de Briana havia insinuado; que ouvidas as razoes do Conde, lhe approvou; e agradeceo a impressãõ do papel: e entendendo o Conde, que o Cardeal tomaria por satisfacão desta offensa negarlhe licença para seguir a Corte, mandou ao Residente Feliciano Dourado a sollicitala, com ordem que negando-lha, ficasse em S. Joãõ da Luz, e carta de crença para offerecer ao Cardeal hum milhão de cruzados pago em dous annos, e o Arcebispaõ de Evora para a pessoa, em quem quizesse nomealo, pela inclusãõ da paz. E supposto que o Conde não havia recebido ordem alguma da Rainha para esta offerta, medindo a resoluçãõ pelo tempo, executou o que convinha ao bem do Reyno sem attençaõ a outra censura; porque os vassallos, em que concorrem tão relevantes supposiçoes, como no Conde se conheciãõ, não devem atar-se a mais documentos, que aos da razãõ, nem a mais instrucçoes, que ás dos interesses dos seus principes, quando os grandes accidentes, e a larga distancia lhes impossibilita o communicarlhos. Partio Feliciano Dourado, e chegou a tempo, que os dous Ministros estavam nos lugares ultimos das fronteiras de hum, e outro Reyno. Deo a

carta

Anno
1659.

carta ao Cardeal, que lhe dilatou a resposta até o dia das primeiras vistas com D. Luiz de Aro, de que se inferio lhe dera parte da proposta do Embaixador querer seguir a Corte. Respondeo-lhe podia fazer jornada: porque a assistencia daquelle concurso era livre aos Ministros de todos os Principes. Feliciano Dourado, vendo repetir as conferencias do Cardeal, e D. Luiz de Aro, se resolveo a fazer a proposição do milhaõ, e Arcebispado. Respondeo-lhe o Cardeal, que pela inclusão da paz de Portugal ser admittida dos Ministros de Castella, déra elle dous milhoens da fazenda delRey seu Senhor. Da primeira, e segunda resposta deu Feliciano Dourado conta ao Conde, que sem embargo deste desengano partio para S. João da Luz, onde chegou a vinte e sete de Outubro.

Entre os Pyrneos, onde acabaõ, e começaõ a dividir Espanha de França, pela parte do Oceano, se celebrou este congresso. Corre por esta parte huma pequena ribeira, que os Naturaes chamaõ Bidasflaa, e separa as Provincias de Guipuscoa, e Bearne; sahe ao Mar entre Puente Rabia, primeira Praça de Guipuscoa, e Andaya, ultimo lugar de França: huma legoa antes que chegue a estes lugares, fórma huma Ilha conhecida pelo nome dos Faizoens, e mais a cerca com as aguas, que recebe do mar, que com as que leva. Nesta Ilha dividida igualmente sobre huma linha imaginaria da separação dos Reynos, se formou hum Palacio de madeira, que entaõ servio ás conferencias dos dous Ministros, e depois regularmente adornado ás vistas dos Reys, e entrega da Infante. Constava de duas galarias fabricadas sobre barcos, por onde se entrava da parte de Espanha, e França. Rematavaõ em huma grande sala dividida com huma tea lançada sobre a linha imaginaria da separação dos Reynos, com huma porta de communicação. Estas duas galarias estavaõ taõ regularmente ornadas, que abertas as portas, se via da entrada de huma o fim da outra. Da sala se passava por dous corredores, no fim dos quaes, por duas portas em igual correspondencia, se entrava em huma camara quadrada com vistas, e vidraças para a parte, por onde delcia a ribeira. No pavimento desta sala se via signalada

Anno
1659.

nalada a divisaõ dos Reynos de sorte, que as cadeiras, onde os Reys se sentáraõ, se supunhaõ sobre o dominio de hum, e outro Rey. Aos dous corredores se seguiaõ duas camaras, e dous gabinetes separados com hum pequeno passeio, que rematava a Ilha, e dava luz á camara, onde se viraõ os Reys. O custo, e adorno desta fabrica se fez por conta das duas Coroas, cada huma na parte que a divisaõ lhe signalava. Em Fuente Rabia estava D. Luiz de Aro, e em huma gandola passava ao lugar das conferencias; e o Cardeal em carroça do lugar de S. Joaõ da Luz. Chegando a elle o Conde Embaixador, mandou o Cardeal hum Gentil-homem a visitalo, e o mesmo fizeraõ todos os Ministros dos Principes, que alli se achavaõ. Foy logo o Embaixador ver o Cardeal, e depois de repetidas as razoens de huma, e outra parte com a destreza, e engenho, de que eraõ compostos estes grandes dous Ministros, perguntou o Cardeal ao Conde, que conveniencias se poderiaõ propor aos Ministros Castelhanos, para facilitar a grande difficuldade de ser Portugal incluído no tratado da paz. Respondeo lhe, que salva a soberania, e independencia da Coroa, que todos os meynos, que D. Luiz de Aro lhe propuzesse, e o Cardeal approvasse, poderiaõ ter facil accommodamento, e tinha todos os poderes necessarios para os ajustar. Continuou o Cardeal com hum largo discurso do valor, e constancia dos Portuguezes admirado dos mesmos inimigos; facilitou as esperanças da conservaçaõ de Portugal com a variedade dos tempos, e instabilidade dos negocios politicos, seguiu a sua mediaçaõ, e finalmente disse, que tinha nomeado o Marquez de Choup para enviar a Portugal com as condiçoens que pudesse tirar a favor desta Coroa. Separou-se a conferencia, e conheceo claramente o Conde que as artificiosas apparencias do Cardeal todas eraõ fundadas em querer vender por mais preço aos Castelhanos a exclusãõ de Portugal no tratado da paz. O Cardeal havia feito eleiçaõ da pessoa do Marquez de Choup para mandar a portugal; porque supposto que nas guerras civís havia seguido o partido do Principe de Condé, e adquirido no posto de Mestre de Campo General opiniaõ de

Anno
1659.

de hum dos mais praticos Officiaes de Infantaria, que tinha França, havia sido Mediador, depois que o Principe de Condé passou a Flandes, do casamento de seu Irmão o Principe de Conti com huma das sobrinhas do Cardeal, e por este respeito entrado na sua confiança, querendo que juntamente examinasse de mais perto as forças de Portugal, que os Castelhanos em praticas, e manifestos abatiaõ, quanto lhes era possivel. Neste tempo chegou a S. João da Luz o Duque Carlos de Lorena detido prisioneiro largo tempo em Castella, e com esta noticia vieraõ de París assistir-lhe o Duque de Guiza, e o Conde de Arcourt, ambos inimigos da Casa de Austria, e por este respeito afeiçãoados aos interesses de Portugal. Logo que o Duque de Lorena chegou, lhe mandou pedir hora o Conde Embaixador para o ir visitar; de que o Duque se escusou, deículpando-se com as dependencias dos Castelhanos; e para ser mais formal o fundamento da sua justificação, foi o Duque de Guiza visitar o Conde, e segurando-lhe o affecto do Duque, e de todos os Principes da sua casa, aos interesses de Portugal; o que se resolvia justificar, mandando servir a este Reyno seu filho natural o Conde de Vaudemont com dous mil homens postos em Portugal á sua custa; e que o Conde de Arcourt passaria a Portugal com o Posto de Capitão General da Provincia de Alentejo, trazendo em sua companhia dous Regimentos de Infantaria, e dous filhos seus por Mestres de Campo delles, e que para o effeito da jornada lhe bastaria só huma tacita concessão de França. Deu o Conde Embaixador ao Duque de Guiza as devidas graças das duas grandes proposições, que lhe havia feito, com a eloquencia de que era dotado; segurou-lhe fazer em continente prompto aviso á Rainha, o que logo executou, e respondendo-lhe á satisfação com que as aceitava, se ajustáraõ em Pariz os tratados, que depois se desvaneceraõ; porque os embaraços do accommodamento do Duque de Lorena duráraõ tanto em França, que não teve meyo para levantar os dous Regimentos; e ao Conde de Arcourt negou o Cardeal a tacita permissão, que pedia, com taes cláutulas, que foi huma dellas, que se passasse ao serviço
de

Anno
1659.

de Portugal, que perderia o grande Officio de Estribeiro mor delRey, cuja mercê já tinha para seu filho o Conde de Armanhac; de que se deixa evidentemente conhecer a destreza das demonstraçoens apparentes do Cardeal Massarino.

Os dous pontos mais apertados do tratado da paz eraõ a exclusão de Portugal, e a restituição do Principe de Conde: ambos venceraõ os Castelhanos ajudados da inclinação da Rainha mãy, ficando o Principe restituido á graça delRey, e aos seus Estados; e sendo declarado em hum dos capitulos da paz, que França, nem directe, nem indirecte assistiria á defenfa de Portugal, cedendo os Castelhanos por esta ultima conclusão as Praças de Filipe-Ville, e Mariembourg, com que de todo julgou Europa por infallivelmente arruinada a conservação de Portugal, para que rompendo depois por todos estes impossiveis, viesse a ser a mais sublimada a gloria dos seus triunfos. O Cardeal, depois desta ultima deliberação, teve huma larga conferencia com o Conde, em que mudou totalmente a fraze de esperanças em desenganos, tendo persuasoens de se facilitarem as proposiçoens, que levava ao Marquez de Choup, dizendo desejava rogalo á Rainha mãy com as mãos erguidas, para que se evitassem os formidaveis estragos, que a guerra havia de produzir. Respondeo-lhe o Conde, que se desenganasse, que Portugal não havia de admittir a menor sobordinação a Castella; e que tanto que o tratado fosse livre, e independente a soberania, tudo o mais, como lhe havia segurado, poderia facilitar-se. Ao dia seguinte depois desta conferencia buscou o Marquez de Choup ao Conde Embaixador, e lhe mostrou da parte do Cardeal a instrucção que levava. Continha ella tres capitulos: no primeiro com palavras plausiveis se encarecia tudo o que se tinha obrado, todas as diligencias que se haviaõ feito pela inclusão de Portugal na paz, chegando-se a offerer por ella todas as Praças, que no discurso de vinte e cinco annos tinhaõ occupado as armas Francezas com preço inextimavel de sangue, e thesouros; porém que não dando os Ministros de Castella ouvidos a esta pratica,

ante

Anno
1659.

antes declarando ser o effeito della hum obstaculo inven-
civel para a inclusã da paz, se passára a procurar os
meios de algum accommodamento, que evitasse damnos
de huma guerra, que não podia terminar-se sem lamenta-
vel ruina. Eraõ os meyo, que se propunhaõ no segundo
capitulo, que o Reyno de Portugal se reduzisse ao esta-
do do anno de quarenta, esquecendo-se tudo o que tinha
passado, sem que se pudesse intentar, ou acção, ou cas-
tigo algum pelos damnos recebidos, antes huma inteira
restituição de todos os bens, que os vassallos Portugue-
zes tivessem em qualquer parte da Monarquia de Castel-
la. Dizia o terceiro capitulo, que a casa de Bragança se-
ria conservada em todos os fóros, prerogativas, e gran-
dezas que tinha, e que seus successores seiaõ Governado-
res, e Viso-Reys perpetuos de Portugal; e para segu-
rança da observação destas condiçoens ficaria por fiador
ElRey Christianissimo, havendo-se por infracção da paz
qualquer alteração que tivessem, e promettia defender
com as armas tudo, o que se firmasse no tratado; Supposto
que o Conde Embaixador anticipadamente havia conhe-
cido, que este era o fim a que caminhava aquelle congresso,
sentio efficaamente este ultimo desengano, ainda mais
pelo discurso, que se fazia em França da pouca constan-
cia de Portugal, que pelos soccorros, que se lhe nega-
vaõ para sua defenfa. Pedio audiencia ao Cardeal, que
logo lhe foi concedida, e depois de lhe manifestar com
generoso desprezo, que vira as proposiçoens, que leva-
va o Marquez de Choup, lhe disse que vinha a saber, se
as mais proposiçoens, que havia feito sobre os soccorros,
que deviaõ passar a Portugal, tinhaõ a resposta, que sup-
punha do seu elevado discurso; tendo por certo não ha-
via de todo querer desemparrar os interesses de Portugal
em augmento da fortuna de Castella. A resposta que teve
do Cardeal, foraõ novas instancias em se ajustar o accom-
modamento proposto; porque era necessario ceder ao
tempo, e não entregar á ultima desesperação. Este pro-
cedimento do Cardeal foi variamente julgado: porém
os interesses, que conseguiu neste congresso, o declara-
raõ parcial dos Ministros de Castella; e o pouco tempo,
que

Anno
1659

que lhe durou a vida, publicou o pouco justificado procedimento que teve com Portugal.

Quando se continuavaõ com maior fervor as conferencias do Cardeal, e D. Luiz de Aro, chegou a S. Joaõ da Luz nova, de que ElRey Catholico chorava a morte de seu filho D. Philippe Prospero, e ficava aquella Monarquia só nas esperanças de hum debil successor. Entendeo-se que este accidente destruisse toda a maquina do tratado; porque não era crível, que ElRey Catholico quizesse expor aquella dilatada Monarquia á contingente successão da França, passando pela muitidão de perigos, que arrastava esta arrojada resolução. Quasi ao mesmo tempo chegou a S. Joaõ da Luz nova dos movimentos de Inglaterra, da marcha de dous exercitos Inglezes, hum formado em Escocia pelo General Monch, que entaõ governava aquelle Reyno, e outro com que fahia de Londres a encontro Lambert com authoridade do Parlamento. Passou ElRey da Gram Bretanha a ver se em Puente-Rabia com D. Luiz de Aro. Esta noticia, e a dos movimentos de Inglaterra deu nova confiança ao Cardeal para repetir ao Embaixador as dependencias, com que estava Portugal no accommodamento, que se lhe propunha, novamente destituído dos soccorros, que podia esperar de Inglaterra. Respondeo-lhe o Conde com a mesma constancia, e resolução das conferencias antecedentes, e despachou Philippe de Almeida seu criado em companhia do Marquez de Choup; e deu conta á Rainha de todos os successos referidos, representando-lhe com vivas razoens o muito que convinha, que o Marquez de Choup voltasse inteiramente persuadido da nossa constancia, e das disposicoens, com que o Reyno estava unido para sua defenta; e escreveu ao Conde de Atouguia, advertindo o da passagem do Inviado de Badajoz a Elvas. A vinte de Novembro affináraõ os dous Ministros de Castella, e França o tratado da paz, ajustando, que naquelle lugar, onde conferiraõ, ficassem dous Gentis-homens, hum Francez, outro Castelhana, para receberem, e trocarem as ratificacoens delle, e despedidos, passou o Cardeal a Tolosa, onde estava a Corte, e o Embaixador partio para

para Baiona, onde lhe sobreveio o achaque da gota com a molestia que pediaõ taõ penosos incentivos, e se acresentáraõ com novo accidente.

De Fuente Rabia passou por Baiona El Rey da Gram Bretanha; ordenou o Embaixador ao Secretario Duarte Ribeiro fosse a visitalo, e representar-lhe a impossibilidade, que o embarçava a acodir pessoalmente a esta obrigaçaõ. O espaço, que se deteve Duarte Ribeiro antes de fallar a El Rey, lhe disse hum Gentil-homem, que o acompanhava, que D. Luiz de Aro havia referido a El Rey, quando se despedira d'elle, que o Duque de Aveiro passava ao serviço del Rey de Castella. Entrou o Conde no justo cuidado, que merecia esta nova; e obrigando-o a amizade, que havia professado com o Duque, a duvidar de taõ intempestiva, e infelice resoluçaõ, começou a desengañar-se com a passagem de Pedro de Lalandá por Baiona, que manifestou a chegada do Duque a França, publicando havia partido com elle da enseada da Arrabida, onde se embarcou em huma charrua, que Lalandá tretou em Setuval, sabendo que hia para Bretanha. Com esta informação, determinado o Conde a embarçar, quanto lhe fosse possível, o precipicio do Duque, lhe despachou hum proprio com huma carta, em que mostrava entender, que algum desgosto particular o traria a procurar a protecção de França, para cujo effeito lhe offerencia a sua intervenção na authoridade que representava, e a sua fazenda, e que em Tolosa o aguardava com hum quarto prevenido; e na supposiçaõ de que a pressa da partida o obrigaria a caminhar com poucos effeitos, lhe remetia hum largo credito. Despachado o proprio, partio o Conde para Tolosa, onde recebeo aviso de Portugal, que continha a retirada do Duque de Aveiro, e huma instrucção particular da Rainha sobre este negocio, da substancia seguinte. A estimação que sempre fizera da pessoa do Duque de Aveiro, e da sua casa, imitando a El Rey D. João, que em todo o tempo do seu governo tratára ao Duque com particular afeição: que não bastárão estas demonstraçoens, para que o Duque deixasse de ter sempre queixas injustas: que ultimamente offerecéra hum papel so-

Anno

1659.

bre particulares de sua casa, em tempo que os communs do Reyno não davaõ lugar a se tratar de outra materia; que lhe mandára logo responder: que não se satisfizera da resposta, e fora a ultima queixa que tivera tão pouco justificada, que nem aquella, nem as passadas podiaõ dar cor a huma resolução tão alheya das obrigaçoens do Duque, deixando a terra, onde nascera, quando ella necessitava não só do maior, mas do menor vassallo: que nas cartas, que deixára escritas, eraõ os pontos mais essenciaes, como das copias veria o Conde Embaixador, impedirem-lhe o seu casamento, que nunca succedéra, antes que no tempo delRey D. João, e a Rainha depois do seu falecimento lhe concedéraõ, não só licença, mas dizendo elle, que casava em França, os navios da armada, para com mais authoridade, segurança, e menor despeza sua trazer sua mulher ao Reyno. A segunda, que delectando, e procurando a Rainha todos os acertos no governo dos seus Reynos, e querendo que o Duque tivesse nelles muita parte, o fizera do Conselho de Estado, que largou, não só sem cautela, mas com desabrimiento mui differente da boa vontade, com que lhe offerecéra aquella occupação: que lhe encomendára o governo das armas na mais importante Provincia, e mais apertada occasião, e posto que o aceitára, o largára logo com o termo que era notorio; de que se via, que assim na paz, como na guerra lhe dera todos os caminhos de accrescentar a sua opiniaõ: o que supposto, lhe fora tão estranha a resolução do Duque, sem exemplo pelo tempo, e occasião, que não podia negar o grande sentimento a que a obrigava; e tendo tão geral o escandalo em todos, que mostravaõ bem a pouca tenção que tinha de o seguir; e que eraõ tão contrarios os juizos que fazião da acção do Duque, que convinha dar satisfação ao Mundo, e ao Reyno: ao Mundo, mostrando que o Duque largára o serviço delRey sem causa, nem motivo justo, e ao Reyno, procurando saber os intentos com que caminhava, e procedimentos que tinha; e que em caso que o Duque fosse a casa do Embaixador, como insinuava na carta, que escrevéra a sua Irmã; entenderia delle se hia constante em seu serviço,

e em

é em assistir ao bem do Reyno, como era obrigado; e succedendo ser assim, diria a El Rey de França, e a seus Ministros o que fosse necessario para os persuadir, que se lhe déra causa por parte da Rainha, e que o seu intento fora curiosidade de ver a grandeza daquella Corte, e fazer nella eleição de mulher a seu contentamento, e o mais, que parecesse bastante para esmaltar o decoro que se devia ao Duque. Porém em caso que elle não fosse a casa do Embaixador, e caminhasse com intentos encontrados ás obrigaçoens com que nascéra, se queixaria o Conde do seu procedimento ao Cardeal, procurando encontralo em tudo o que fosse prejuizo ao Reyno, e conforme ao seu procedimento seria a correspondencia, que com elle tivesse; e supposto que seria facil a diligencia do Conde alcançar os intentos do Duque, particularmente a encomendaria da parte da Rainha ao Secretario da Embaixada Duarte Ribeiro de Macedo; porque fiava da sua industria, e prudencia, saberia tomar a informação conveniente: que deixára o Duque huma procuração a sua irmã Dona Maria para governar a sua casa, e em defeito della, o mesmo poder a seu Tio D. Pedro de Lencaestre: que deixára mais ordem para se lhe remetterem cincoenta mil cruzados das suas rendas, e outras advertencias de menor consideração; e que até aquelle tempo não declarava o procedimento, que se havia de ter em cada huma destas disposições; que logo que o fizesse, avisaria ao Conde com os fundamentos da resolução que tomasse.

Recebida esta carta, voltou com reposta o proprio mandado ao Duque: agradecia nella em poucas regras os offercimentos do Conde. Continuava, que fazia jornada a Pariz, levado da curiosidade de ver a Corte; e acabava, dizendo: Duvido que nos possamos ver; porque conforme a regra de Euclides: *Due lineæ, quamquam in infinitum protrahantur, non tanguntur*. O successo verificou a facil intelligencia deste lugar, e conheceo o Conde, que deixar o Duque escrito em Lisboa, que hia a poular a sua casa, fora prevenir se para o caso, em que algum temporal o obrigasse a entrar em porto do Reyno. As ordens da Rainha Regente conferidas com os passos, que o Du-

Anno
1659.

que tinha dado em França, fizeraõ inutil o exame, que na instrucção se encomendava ao Conde, e necessaria a diligencia de prevenir, e recorrer á Corte. Despachou hum proprio ao Cardeal, dando-lhe conta da jornada do Duque, e das razoens que tinha para entender que passava ao serviço del Rey Catholico; e ultimamente pedia a El Rey Christianissimo lhe negasse passo por França; pois não era justo que hum vassallo de hum Principe aliado fizesse estrada por aquelle Reyno para se declarar inimigo da sua Patria. No mesmo tempo mandou o Duque de Aveiro hum proprio ao Conde de Cominges, que proximamente havia chegado a França da embaixada de Portugal, pedindo-lhe, quizesse solicitar-lhe licença para hir fallar a El Rey. Fez o Conde presente ao Cardeal esta supplica. Respondeo-lhe que podia escrever ao Duque, que se o traziaõ a França negocios de sua pessoa, e casa, sem embaraço fizesse a jornada, que acharia em El Rey seu senhor o acolhimento que merecia, e toda a satisfacção que pudesse desejar nos seus particulares; mas que se o intento, com que passava por França, era diferente, escusasse o trabalho da jornada. Esta resolução referio o Cardeal na resposta que mandou ao Embaixador, e se escusava de haver de passar a mayor demonstracção com o Duque, por ser em todos os tempos o passo por França livre aos Estrangeiros. Vendo o Conde Embaixador baldada esta diligencia, e achando-se Feliciano Dourado de caminho para Portugal, lhe ordenou esperasse em Bordens ao Duque, por ter noticia, que infallivelmente passava por aquella Cidade, e instruindo-o em tudo o que devia dizer-lhe, lhe deo huma carta, em que dizia ao Duque lhe desse inteiro credito a tudo o que lhe referisse. Partio Feliciano Dourado, e achando o Duque em Bordeos, tendo com elle algumas conferencias, lhe communicou as ordens, que o Embaixador tinha, para lhe facilitar tudo, quanto desejasse nos seus particulares em Portugal, e França: que seguir outro caminho era totalmente precipitar-se, e perder a sua casa, sem esperanças de restaurala: que ainda que o conseguisse, havia de ser com a ruina, e desolacção da sua Patria: que esperava facilmente defender-se assim

pelo

pelo valor, e uniaõ de seus naturaes, que elle bem conhecia; como porque a inconstancia dos tempos havia de persuadir facilmente á defenſa de Portugal os meſmos, que naquella occaſiaõ se eſqueciaõ della. A todas eſtas razoens respondeo o Duque com indifferença, dando-lhe o titulo de politicas do Conde de Soure; e conhecendo Feliciano Dourado, que era infructuofa toda a diligencia, deu conta ao Embaixador, e partio de Bordeos. Chegado eſte aviso, e nelle o ultimo deſengano de que o Duque paſſava a Madrid, resolveo o Conde eſcrever-lhe a carta ſeguinte, para que lhe naõ faltasse circumſtancia, em que naõ justificasse o ſeu procedimento.

» **E**M fim ſenhor Duque, V. Excellencia tem tomado a reſoluçaõ de ſe paſſar ao ſerviço delRey Catholico; porque aſſim o tem moſtrado as acçoens de V. Excellencia em França, e a reſpoſta que deu ás inſtancias, que lhe tenho feito, ſeguindo as ordens delRey meu ſenhor, e a obrigaçaõ de Miniſtro publico de Portugal; e porque me naõ fique nada por fazer em materia taõ grande, eſcrevo eſta carta, que ſerá a ultima, lembrado da confiança, e amizade, com que V. Excellencia ſempre me tratou. As obrigaçoens que V. Excellencia deve ao ſeu nascimento, clamaõ todas contra a reſoluçaõ que tem tomado. O tempo, e a occaſiaõ moſtrarão ao Mundo, que tem V. Excellencia o partido de Caſtella por mais ſeguro, e que procura hum principe eſtrangeiro, para ſe livrar dos perigos, que ameaçaõ o Principe natural; porque vê a paz feita, os exercitos delRey Catholico deſocupados, os intereſſes de Portugal deſemparados de França, e duvidofa a conſervaçaõ da ſua Patria: iſto he o que agora diz o mundo da intempeſtiva, e cega reſoluçaõ de V. Excellencia, e iſto he o meſmo, que depois ha de dizer a poſteridade. Pergunto: ſe V. Excellencia teve a cauſa de Portugal por menos juſta, como a ſeguiu vinte annos? Como jurou fidelidade áquelles Principes? Como os conheceo por tantos actos de obediencia? E ſe teve o ſeu dominio por juſtificado, como o deſempara agora? Em verdade que

Anno
1659.

„ entendo, que se V. Excellencia fizer reflexão no que
 „ emprende, e no labeo com que grava a sua memoria,
 „ que ha de suspender os passos ao defacerto com que se
 „ precipita. Supponhamos que apparece hoje no Mundo o
 „ Senhor Rey D. Joaõ o II. Avo de V. Excellencia, e inf-
 „ tituidor da Casa de Aveiro, aquelle grande Mestre de
 „ reinar, glorioso Rey de seus filhos, e amoroso pay de
 „ seus vassallos, que vê a Portugal em perigo, e a V.
 „ Excellencia duvidoso: que diria a V. Excellencia? Que
 „ seguisse hum Principe estrangeiro neto da Imperatriz D.
 „ Isabel, ou hum Principe natural, neto do Infante D.
 „ Duarte? Quereria que Governasse Portugal hum Prin-
 „ cipe da Casa de Austria, ou hum Principe do seu mel-
 „ mo sangue? Quereria ver as suas Praças com presidios
 „ Castelhanos, e os Portuguezes sempre dominantes,
 „ agora dominados? He sem duvida que V. Excellencia en-
 „ tre si confessa, que he impossivel poder ser esta a sua von-
 „ tade; e será possivel que V. Excellencia siga maximas
 „ encontradas a hum grande Monarca, que lhe deu o ser,
 „ e a seu proprio entendimento? Não duvido que V. Ex-
 „ cellencia será bem recebido em Castella; mas duvido
 „ que lhe dem o tratamento, que V. Excellencia sup-
 „ poem, porque ha lá muitos grandes muito cheyos de
 „ vaidade. Obrigará aos Castelhanos a sua politica a fa-
 „ zerem a V. Excellencia muita festa; porque esperaõ que
 „ este exemplo lhes ha de ser util: porém se succeder (o
 „ que eu tenho por infallivel) que os vassallos del Rey
 „ meu senhor não tenhaõ memoria de V. Excellencia, mais
 „ que para abominar a sua resolução: que pezado ha V.
 „ Excellencia de ser aos Castelhanos! Que importunos
 „ lhes haõ de parecer os seus requerimentos! Que breve-
 „ mente ha V. Excellencia de ver o que deixa, e o que
 „ busca! Deixa a sua Patria; onde toda a nobreza o ama,
 „ e todo o Povo o respeita, e busca huma Corte estranha,
 „ onde todos suppoem, que ninguem lhe deve amor, ou
 „ respeito. Expoem-se a passar mares em huma pequena
 „ barca, por hir buscar Castella, e sahe de huma grande
 „ não, onde deixa tantos homens honrados trabalhando
 „ com os temporaes, por chegar ao porto da fé, que de-

„ vem

„vem ao seu Principe natural. Não quer V. Excellencia
 „expor-se ás armas castelhanas, por defender a sua Patria,
 „e resolver-se-ha a vir com os Castelhanos expor-se ás ar-
 „mas Portuguezas pelas fugeitar? Hora, senhor, ainda
 „V. Excellencia tem tempo de mudar de opiniaõ, e se
 „o persuadirem taõ bem fundadas consideraçoens, muitos
 „amigos tem para o servirem; mas se acaso obstinado se-
 „guir o seu principio, em passando os Pyrineos, trate
 „de nos buscar bem armado, porque todos, e em tudo
 „o havemos de esperar como inimigo.

Foi a resposta desta carta taõ extravagante, que of-
 fende a opiniaõ do Duque em huma acção taõ indigna,
 que não depende de circumstancias para ser condemnada.
 Dizia a resposta: Sempre conheci a V. Excellencia com
 „o achaque de zeloso do bem publico, e nesta considera-
 „ção lhe prometto fazelo meu Alferes mór, quando for
 „Rey de Portugal.

Foi de sorte a justa ira que o Conde sentio com esta
 resposta, que esteve resolutio a desafiar o Duque; o que
 parece se desvanecio pela brevidade, com que o Duque
 sahio de França; porque logo que respondeu ao Conde,
 despachou hum Capellaõ seu Irlandez á Corte com huma
 carta para o Cardeal, em que lhe pedia passaporte para
 Castella, para onde caminhava com o sentimento de se
 lhe negar licença para fallar a ElRey. Respondeo-lhe o
 Cardeal com o passaporte, e de palavra disse ao Capellaõ,
 que em quanto não foubra a ultima resolução do Duque,
 o esperava na Corte com hum quarto prevenido no seu
 Palacio; mas como a sua jornada a França tivera ló por
 fim a passagem para Castella, deixar-lha livre era quanto
 podia permittir. Com esta ultima certeza do opprobrio,
 com que a sua determinação era julgada no Mundo,
 passou o Duque os Pyrineos: chegou a Medrid, onde já
 era esperado; porque as seguranças de D. Fernando Tel-
 les, que havia tido infelice arte de tomar resolução ain-
 da mais indigna, que a do Duque, como veremos, e as
 intelligencias de D. João de Sunega tinhaõ introduzido em
 ElRey, e D. Luiz de Aro a confiança da sua deliberação;
 porque D. João de Sunega, havendo ficado prisioneiro na
 ba-

Anno
1659.

batalha de Elvas, depois de entregue o Forte de Nossa Senhora da Graça, que governava (como referimos) teve a sua prisão no Castello de Lisboa, e o tempo que assistio nella, empregou em estreita communicacão com o Duque de Aveiro, e Dom Fernando Telles, de que resultou fiarem do seu segredo, quando partio para Castella livre da prisão, o muito que desejavaõ passar ao serviço del Rey Catholico, concedendo-lhe varias permissões, que assentáraõ, que D. Joaõ conferisse com D. Luiz de Aro; e não havendo duvida em se lhe permittirem, aguardava o Duque huma tal fórma de aviso, que nunca pudesse ser penetrada, e vinha a ser, que D. Joaõ lhe mandaria de presente hum caixaõ de chocolate com tantas arrobas, huma mula com huma gualdrapa de veludo verde, guarnecido de passamanes de prata, humas espingardas, e outras cousas, que cada huma dellas significava a concessão de cada huma das proposições, que o Duque, e D. Fernando havião feito; e logo que chegou este presente, resolvéraõ a sua partida. Foi o Duque recebido del Rey com singulares favores, que em poucos dias se trocáraõ em grandes pesares, ordenando-lhe trouxesse cobertos os cocheiros, que determinou trazer descubertos: fallando lhe os filhos primogénitos dos grandes por senhoria, e respondendo a hum no Paço por mercê, teve differenças, que a politica, e não as espadas compuzeraõ: successos que he factivel lhe introduziraõ o arrependimento do seu erro, quando encontrava impossivel o remedio.

Passa a Portugal o Marquez de Choup. com varias proposições, que se lhe não admittem.

No tempo em que aconteceu o que fica referido, chegou o Marquez de Choup a Elvas, onde entrou a feste de Dezembro. Na tarde em que sahio de Badajoz, se adiantou Philippe de Almeida criado do Conde de Soure, e succedendo haver sahido á caça o Conde de Atouguia junto a Guadiana com os Cabos, e Officiaes que assistiaõ em Elvas, chegou Philippe de Almeida, e pela carta que trazia para o Conde de Atouguia, e outra para D. Luiz de Menezes, ficavão informados do fim desta novidade, e pelas recomendações que o Embaixador fazia em huma, e outra carta; ordenou promptamente

o Con;

Anno
1659.

o Conde de Atouguia, que a Cavallaria, e Terços sahifsem de Elvas a esperar o Marquez de Choup com toda a brevidade, e regular ordem: que a artilharia se disparasse: que as casas do Bispo que estavaõ desoccupadas se adereçassem, e a ceia esplendidamente se prevenisse. Foi taõ prompta a execução de todas estas ordens, que quãdo o Marquez chegou, ficou cabalmente satisfeito da primeira hospedagem, que de repente recebia em Portugal, e juntamente da pessoa do Conde de Atouguia, do luzimento da guarnição de Elvas, e da excellente fortificação daquella Praça. Trazia o Conde em sua companhia ao Conde de Conitmarc, que fez esta jornada levado da curiosidade de ver Espanha, e seis Gents-homens. No mesmo, ponto em que o Marquez entrou em Elvas, despachou o Conde de Atouguia hum correio pela posta á Rainha com o aviso, que havia tido do Conde de Soure, e noticia do intento da vinda do Marquez, dizendo aguardava ordem para a fórma com que havia de proceder, visto o Marquez se haver introduzido em Elvas, sem mais aviso, que adiantar de Caia Philippe de Almeida. Tres dias se deteve a resposta da Rainha, em que o Conde de Atouguia ostentou com o Marquez a sua magnificencia em regalos, e presentes, e em todos os divertimentos militares, de que elle se mostrou summamente obrigado: porém no dia terceiro começou a penetrar-se de forte do receio, de que o Conde o tinha por fins, que elle não alcançava, que dando ao Conde esta noticia o Tenente General da Cavallaria Tamaricurt, mandou a D. Luiz de Menezes fosse buscar o Marquez, e fizesse toda a diligencia pelo dissuadir daquella imaginação. Quando D. Luiz entrou em casa do Marquez, era hora de ter principio a ceia, a que o Marquez penetrado do enfado havia dito não querer assistir. Começou a conferencia, e depois de largo espaço se convenceo com a verdade do successo, dizendo lhe D. Luiz, que claramente lhe devia mostrar o seu discurso, que o Conde não podia deixalo passar á Corte sem ordem expressa da Rainha, a quem déra conta pela posta no mesmo ponto da sua chegada: que se a elle lhe convinha obviar dilação, porque não anticipá-

Anno
1659

ra de Madrid aviso da sua jornada? E que neste sentido devia reparar, em não dar aos Castelhanos o gosto de penetrarem, que estava mal achado em Portugal; e que não só lhe pedia que lhe desse credito, mas que fosse servido dar-lhe de cear, usando D. Luiz desta destreza, para que o Marquez alterasse a resolução, que tinha tomado de não hir á mesa. Cedeo elle a hum, e outro rogo: convidou-o D. Luiz, para o dia seguinte ver exercitar o seu Terço, e emendar com a sua grande sciencia os erros, que lhe condemnasse. Aceitou, e vendo o exercicio, satisfeito delle, só reparou em que as forquilhas dos mosqueteiros eraõ demasiadamente compridas, com que as pontarias haviaõ de ser incertas. Disse-lhe D. Luiz, que este erro tinha facil emenda, estendendo-se as forquilhas na proporção das pontarias. Respondeo-lhe, que mandasse cortalas pela altura dos peitos, e que nunca fiasse do entendimento dos Soldados, o que pudesse emendar com o seu entendimento; prudente axioma, que nos pareceo digno de ficar em memoria.

Naquelle mesmo dia chegou ordem da Rainha, para que o Marquez continuasse a jornada: partio de Elvas acompanhado do Conde de Atouguia, e dos mais Cabos, e Officiaes até á fonte dos Capateiros, e de alguns batalhoens de Cavallaria até Estremoz, onde o Conde lhe havia mandado prevenir sumptuosa hospedagem, e da mesma sorte em todos os lugares, por onde passou até Aldea Galega. Estava nesta Villa Diogo Gomes de Figueiredo com duas falúas. Embarcou-se o Marquez, chegou a Lisboa, onde o aguardava D. Lucas de Portugal, Mestre Sala del Rey com duas carroças. Conduzio o ás casas do Marquez de Montalvão, que estavaõ adereçadas por ordem da Rainha; teve hospedagem tres dias, e audiencia no cabo delles acompanhado de D. Lucas. Nomeou-lhe a Rainha por conferentes aos Condes de Odemira, e Cantanhede, e assistia a esta conferencia o Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva. Juntos os Ministros, e o Marquez de Choup na Secretaria de Estado, principiou o Marquez a pratica com hum largo exordio do estado dos negocios de Europa, da necessidade, em que se achava El Rey

Anno
1659.

Rey Christianissimo de concluir a paz, e dar repouso a seus vassallos; das diligencias que continuara sobre a inclusão de Portugal; e que ultimamente não pudéra conseguir mais, que as condiçoens apontadas em hum papel, que offereceo, que são as mesmas que acima referimos. Logo que se leraõ, respondeo o Conde de Odemira, que aquella materia totalmente era impraticavel; e determinando alargar o discurso artificialmente, para entender se o Marquez trazia outra instrucção secreta, que merecesse attenção, rompeo o Conde de Cantanhede a practica, e se levantou, dizendo, que se a Nobreza, e povo soubessem o que continhaõ as proposiçoens, que se haviaõ lido, que nenhum dos que estavaõ presentes, estavaõ seguros naquelle lugar; generosa resolução, que os successos futuros acabáraõ de acreditar. Separou-se a conferencia, e ficando só o Marquez de Choup com o Secretario Pedro Vieira, lhe disse, que os negocios daquella importancia não era justo que a paixão os interrompesse; e que ordinariamente das conferencias se chegava ás conclusões, ainda que os passos vagarosos das conveniencias reciprocas as dilatassem. Deu Pedro Vieira conta á Rainha deste seu discurso, de que resultou ordenar ao Conde do Prado buscase o Marquez, e entendesse delle se trazia poderes mais estendidos das materias, que havia proposto. Fez o Conde prudentemente a diligencia, e conhecendo que o Marquez não trazia mais poderes pela sua consiliação, o despedio a Rainha, certificando-lhe com o generoso, e varonil espirito, de que era dotada, o pouco receyo que lhe ficava das armas de Castella, por antigo costume, glorioso despojo do valor dos Portuguezes. Despedio-se o Marquez a vinte e tres de Dezembro, voltou por Elvas, onde achou os semblantes mais melancolicos, do que havia experimentado nos dias da sua primeira assistencia, e ouviu tantas arrogancias militares, que teve, quando chegou a França, largamente que repetir ao Cardeal Massarino da resolução, e constancia dos Portuguezes, fundada, além do valor natural, no luzimento, e numero de tropas, e fortificação das Praças. Tanto que o Marquez sahio de Lisboa, despedio a Rai-

Anno
1659.

Continuaõ
se com pou-
co effeito as
negociações
de Roma.

Sustenta
Francisco de
Mello a cor-
responden-
cia de Ingla-
terra.

Parte por
Embaixador
de Hollanda
Dom Fer-
nando Tel-
les.

Rainha por mar a Philippe de Almeida com instrucção no
va a Conde de Soure, de que daremos noticia no an-
no seguinte; por troncar o fim deste a gravidade desta
materia.

Os negocios de Roma ainda este anno caminharão
mais lentamente, que os antecedentes; porque como
foy notoria a resolução, que França tomava de se obri-
gar no tratado da paz de Castella a não soccorrer Portu-
gal, ainda se avaliou por mais indubitavel a ruina deste
Reyno, e por este respeito prevaleciaõ sem controversia
as negociações dos Castelhanos.

Continuava Francisco de Mello a assistência de
Londres, e com grande prudencia sustentava a corres-
pondencia de Portugal entre as variedades do governo
daquelle Reyno. Prevaleceo, como havemos referido, a
politica da exclusão do Protector, e formada a Republica,
aceitou a Embaixada de Francisco de Mello com função
publica, e continuou as negoceações em grande utilida-
de deste Reyno: correspondeo se com o Conde de Sou-
re, e não podendo desviar o perverso intento de D. Fer-
nando Telles, remetteo á Rainha huma carta, que D.
Fernando lhe escreveo, quando passou para Castella, em
que o persuadia a seguir o seu abominavel exemplo, e
continuou com o zelo, e fidelidade tantas vezes experi-
mentado, as acertadas acções, que adiante referire-
mos.

No principio deste mesmo anno nomeára a Rainha
Embaixador de Hollanda a D. Fernando Telles de Faro,
entendendo (como já dissemos) que devia fiar da sua ca-
pacidade commissão tão importante, e de tantas conse-
quencias, como a Embaixada de Hollanda. Embarcou-se
em hum navio de hum Capitão chamado D. João Colarte,
que com Soldados de varias Nações andava a corço. Nos
primeiros dias padeceo hum temporal, que o obrigou a
arribar a Setuval, parece que mostrando-lhe o mar, que
lhe era pezada carga a sua pessoa corrupta dos maos in-
tentos, que levava. Passou de Setuval do navio de D.
João a outro Inglez, e nelle fez sua viagem, e chegou a
salvamento a Hollanda. Logo que desembarcou, fez a
sua

Anno
1659.

sua entrada, e conseguiu avistar-se com o Confessor de D. Estevão Gamarra, Embaixador de Castella naquella Corte; e receando o discurso, que podia fazer Luiz Alvares Ribeiro, Secretario da Embaixada, desta communicacão, que lhe não podia ser encuberta, lhe disse, que tinha chamado ao Confessor para ajustar a cortezia, que devia haver entre elle, e o Embaixador de Castella, quando succedesse encontrarem se; não podendo Luiz Alvares penetrar por outra alguma inferencia o seu abominavel intento, facilmente se deixou persuadir da sua desculpa: porém não querendo D. Fernando arriscar-se na continuacão da pratica a alguma suspeita, concertou com o Confessor, que de noite depois da casa recolhida, viesse fallar-lhe o Secretario do Embaixador de Castella, chamado Richarte. Depois de varias conferencias resolveo D. Fernando, para conseguir o ultimo ajustamento, hir ás mesmas horas a casa do Embaixador de Castella, e receando que Monsieur de Tur Conde de Merlay, Embaixador de França, poderia penetrar por alguma intelligencia a sua negoceaçã, grangeou com tantas attençoes a sua amizade, que conseguiu travala de sorte, que lhe communicou o Embaixador os seus divertimentos em o galanteio de huma Dama chamada Josina; e mostrando D. Fernando desejo de vela, e ouvila cantar, lho concedeo fingelamente o Embaixador; e como este era só o intento da fingida amizade de D. Fernando; desejando lavrar com o buril de huma traiçãõ outra mais relevante, ás primeiras vistas de Josina começou a namoralá com pouca cautela, para fundar a sua fabrica nos ciumes do Embaixador. Facilmente logrou esta destreza, e o Embaixador com publicas, e justificadas queixas se separou da sua conversaçãõ. Estabelecido este intento, deu D. Fernando conta á Rainha, affirmando que por esta apparente supposiçãõ intentava descompolo o Embaixador de França. Neste tempo havia o Embaixador de Castella dado conta a D. Joãõ de Austria, que governava Flandes, da intelligencia que tinha com D. Fernando, da certeza de o haver comparado, e de que elle segurava passar o Duque de Aveiro tambem para Castella. Teve ordem

Toma a escandalosa resolução de passar contra a fé publica, e particular ao serviço del-Rey de Castella.

Anno
1659.

dem o Embaixador delRey Catholico para dizer a D. Fernando, que seria maior conveniencia de seu serviço dilatar-se em Holanda, embaraçando a paz entre os Estados, e esta Coroa, até romper a guerra no tempo, que elle lhe ordenasse: e juntamente lhe recomendava fizesse aviso ao Duque de Aveiro não sahisse de Portugal sem ordem expressa sua; porque da sua assistencia esperava receber maiores serviços, que da sua passagem. O aviso, que D. Estevão Gamarra fez a D. João de Austria, foi notorio a hum Secretario de D. João, que o Cardeal Massarino tinha comprado, e promptamente lhe fez aviso da deliberação de D. Fernando Telles. Não dilatou o Cardeal avitar a Monsieur de Tur de haver recebido esta noticia, ordenando-lhe a participasse da sua parte a Luiz Alvares Ribeiro, recomendando-lhe que observasse as acções de D. Fernando, tendo por infallivel, que do desconcerto dellas colheria facilmente os seus intentos. Fez o Embaixador de França esta diligencia com Luiz Alvares, que ficou de acordo em seguir esta advertencia muito exactamente, e em dar aviso ao Cardeal de tudo o que alcançasse. Porém presumindo que toda esta maquina era effeito dos ciumes do Embaixador de França, tem mais exame, que este discurso, deu levemente conta ao Padre Antonio Vaz, Confessor de D. Fernando Telles, de tudo quanto o Embaixador de França lhe havia communicado, pedindo-lhe dêsse parte a D. Fernando; por não ser aquella materia capaz de se participar de rosto a rosto. Sem dilação fez Antonio Vaz a diligencia, e D. Fernando dissimulando o grande sobressalto, que padeceo, vendo descuberta toda a cavilação dos seus intentos, buscou promptamente a Luiz Alvares Ribeiro, e dando-lhe com grandes expressões do seu affecto as graças da sinceridade com que o tratava, ajustou com elle, e com Antonio Vaz escrever huma carta á Rainha, em que lhe dava conta de todo este successo, de que dava por author ao Embaixador de França, e lhe pedia com grande efficacia lhe dêsse licença para passar a Lisboa a se meter na Torre de Belem, em quanto se examinasse a sua innocencia: e Luiz Alvares escreveu tambem á Rainha, segurando o
que

Anno
1660.

que não havia feito, que era ter examinado os passos, e acçoens de D. Fernanço, antes de lhe communicar o aviso, que tivera do Cardeal Maflarino; e que havia apurado, que tudo tinha sido fabrica do Embaixador de França, obrigado dos seus ciumes, para descompor D. Fernando Telles. Respondeo a Rainha a estas cartas, segurando a D. Fernando a certeza com que ficava do seu zelo, e fidelidade, e agradecendo a Luiz Alvares o acerto, com que havia procedido em negocio de tão relevantes consequencias. Estas cartas alleviáraõ muito o cuidado de D. Fernando, e seguindo pontualmente a ordem del Rey de Castella, pôs toda a attençaõ em fomentar discordia entre os Estados, e este Reyno: e havendo-se ajustado com o Duque de Aveiro, que em caso que El Rey de Castella resolvesse que elle se detivesse em Portugal, lhe havia de mandar huma capa encarnada; e determinando que passasse logo para Castella, humas botas de agoa: seguindo a ordem que teve, lhe remetteo a capa; e passando algum tempo, em que dispôs o embaraço da paz de Holanda com toda a industria, que lhe foy possível, tendo noticia que a Rainha havia nomeado o Conde de Scure Embaixador de França, entrou em vehementissimo receyo, de que a intelligencia do Conde podia descobrir o seu falso trato: precipitado do temor, e levado do receyo, passou da casa, em que vivia, huma noite para a do Embaixador de Castella, e fez conduzir a ella o seu fato, assistido do Secretario do Embaixador. Fez logo aviso ao Duque de Aveiro da resoluçaõ que havia tomado; em continente se partio para França, como havemos referido. Não se deteve D. Fernando muito na Corte de Holanda, por não padecer no theatro da sua culpa os opprobrios da mayor maldade, que inventou a vileza humana, solicitando a occupaçaõ de Embaixador do seu Principe natural para mudar as guardas aos seus intimos segredos, faltando á fé, á verdade, ás obrigações da honra, e a todos quantos requisitos empenhaõ os homens na sua opiniaõ. Passou por Italia a Castella, e foy a primeira satisfaçaõ, que teve del Rey Catholico, mandar enforçar occultamente o Secretario de D. Joaõ de Austria, chamado Valentim, por se

T

ave-

Anno
1660

Nomea a Rainha ao Conde de Miranda por Embaixador das Provincias unidas.

Noticias da guerra de Africa.

averiguar fora o que delatára ao Cardeal Massarino o a^o vifo, que o Embaixador de Castella fez a D. Joaõ de Austria do intento de D. Fernando Telles. Depois o fez El-Rey de Castella Conde da Arada em Portugal, celebrada a paz, que acabou de infamar a sua memoria: fez hum manifesto, que imprimio, em que pertendeo inutilmente justificar as razoes da sua fugida. Tinha ido com D. Fernando Martim Correa de Sá, depois Visconde da Asleca, que era de muito poucos annos, e o naõ perverteo taõ máo exemplo, sahindo-se logo de Holanda, e voltando pouco tempo depois para Portugal, donde servio com muito valor, como adiante referiremos. Admirado Luiz Alvares Ribeiro da deliberação de D. Fernando, e confuso do engano que havia padecido, deo conta á Rainha, que promptamente mandou a Holanda por Enviado Feliciano Dourado, e nomeou por Embaixador áquella Corte ao Conde de Miranda; e tendo ordenado a Luiz Alvares Ribeiro voltasse a Portugal, lhe tornou a mandar aguardasse em Holanda pelo Conde Embaixador, porque o havia nomeado por seu Secretario, fiando justamente do zelo, e prudencia do Conde a emenda dos defacertos de D. Fernando Telles, e a concordia dos defabrimentos, que havia introduzido nos Ministros dos Estados; por ser a fidelidade do Conde de Miranda a melhor triaga para superar o veneno, que D. Fernando Telles havia introduzido. Partio de Lisboa com grande luzimento; e como as suas negociaçoens tiveraõ principio no anno successivo, daremos em seu lugar relação dellas.

A Rainha, logo que succedeo a fugida do Duque de Aveiro, e D. Fernando Telles, mandou processar as causas de hum, e outro. Foy sentenciado D. Fernando a degolarem em estatua queimando-se com o theatro, e se lhe fez a execuçaõ em o mez de Agosto deste anno: mandava a senença que se arrazassem, e salgassem as casas, pondo-se nellas hum padraõ para memoria do seu delicto. O Duque de Aveiro no anno de 1664. teve a mesma sentença de ser degolado em estatua, e se lhe executou; e a hum, e outro se confiscáraõ os bens, e foraõ bani-

Anno
1660

banidos : dentro de pouco tempo tiverão em Castella tantas desavenças , que até entre si mesmos experimentarão o castigo de seus desacertos.

Continuava o governo da Praça de Tangere o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes , e sendo muito contínua a assistencia dos Mouros no campo daquella Cidade , eraõ repetidos os bons successos ; porque era grande o cuidado , e valor , com que dispunha a fórma daquella guerra , e ordinariamente experimentavaõ os Mouros o prejuizo nas armaçoens , em que determinavaõ fazer-nos damno. Estimulado Gaylan de tantos infortunios , juntou consideravel poder , e escolhendo seiscentos escopeteiros , os emboscou a pé nas hortas mais visinhas da Cidade , e fóra dos vallos ficou encoberto com duzentos e cincoenta cavallos , para lhe dar calor ; deixando ordem aos escopeteiros , que estivessem encobertos , até que o rebate da campanha obrigasse ao General a sahir da Praça com os Cavalleiros como costumava , e que neste tempo sahisses a cortar-lhe o passo. Ao romper da manhaã sahio o Conde ao campo , sem se haver reparado na advertencia , que os caens da Praça tinhaõ feito toda a noite , ladrando sem socego pelas muralhas da parte das hortas , o que muitas vezes costumavaõ fazer , quando lhes chegava o faro da visinhança dos Mouros ; sendo o instincto destes animaes por antigas tradiçoens experimentado , e conhecido : porém o Conde acautelado de lhe haverem armado os Mouros naquellas mesmas hortas , costumava mandar descobri-las antes de se alargarem os Cavalleiros da Praça. Tocou esta diligencia a Manoel Luiz , e dando vista dos Mouros lhe tiráraõ com huma espingarda , de que cahio morto , dando a vida aos mais que sahiaõ da Praça ; porque ao rebate se retiráraõ todos. Acudio o General , e a mais gente : guarneceo-se o rebellim novo de mosqueteria : carregou Gaylan com a gente de cavallo até a muralha para salvar os espingardeiros , mas desta resoluçaõ recebêraõ os Mouros grande prejuizo ; porque a artilheria , e mosqueteria matou , e ferio muitos. Retirou-se Gaylan , por naõ padecer mayor damno : seguio-os o Adail com os Cavalleiros , e lançados os Mouros do campo , se

Anno
1660

occupáraõ os póstos na fórma costumada. Era no fim das sementeiras, e crescêraõ nos Mouros as alteraçõens, e por huma, e outra causa se ausentou Gaylan; e insolente com o favor da fortuna, se ajuntou com Benguiler, e outras Cabildas levantadas contra Bembucar, a que elle, e os mais estavaõ sujeitos, aspirando ao dominio de Tetuaõ, e a lançar de Salé Cid Abdala, filho de Bembucar. Fomentava este designio Seron, que foy por elles desterrado de Salé, e por este respeito juntou Gaylan a sua gente, e passou a Alcaçar, para fazer opposiçaõ ao poder de Bembucar, que vinha contra elle, e entretanto cerrou os pórtos, e mandou recolher os gados, dando ordem, que na Serra assistisse por esquadras a gente de pé, para atalharem o campo, e trazerem os Cavalleiros da Praça com inquietaçãõ, e cuidado. Desejava o Conde tomar lingua, e não podia conseguí-lo: mandou o Almacadem Diogo Correa com quarenta Cavalleiros a Casa de Angera; mas sendo sentido dos Mouros, que dormiaõ nos portos, se recolheo sem effeito; porém no dia seguinte sahindo ao campo, carregáraõ alguns Mouros da Atalainha aos descobridores. Foraõ com diligencia soccorridos, e depois de mortos tres, ficáraõ dous prisioneiros, e delles constou ao Conde a ausencia de Gaylan com a gente daquelle districto; e parecendo-lhe opportuna occasiaõ para mandar entrar na Barbaria, mandou o Adail com todos os Cavalleiros da Praça. Chegou a Barbaria sem ser sentido, e emboscando-se entre o porto das Pedras, e a ponte de Bosma, lançou pelo meyo dia varias partidas, a que foy dando calor, que não dando lugar aos Mouros a recolherem o gado á Serra de Arquelaõ, pouco distante de Farrobo, cativáraõ quantidade delles, e se recolhêraõ a Tangere com huma grossa preza. Neste tempo voltou Gaylan, e embaraçado com as guerras domesticas, desejou cessaõ de armas, e mandou para este effeito Seron pedir ao Conde General lhe desse salvo conducto para lhe vir fallar ao rebellim, e ajustar varias proposiçoens, de que Seron lhe deo noticia; porém sendo huma dellas, que os Mouros, e Mouras, que se haviaõ bautizado em Tangere, viessem em publico a declarar a ley, que que-
riaõ

riaõ seguir, e sendo a dos Mouros, pudessem sem embaraço voltar-se para suas terras, não quiz o Conde conceder a Gaylan o salvo conducto; e passou este anno sem outra novidade.

Anno
1659

Governava a India Francisco de Mello e Castro, e Antonio de Sousa Coutinho, e faltando-lhes meyo para aparelharem a armada dos Galeoens, deraõ o titulo de General da Armada a Ignacio Sarmiento de Carvalho para segurar a Costa na fórma, que lhe fosse possível; e não confeguiu até os ultimos de Mayo, tempo em que os Holandezes largáraõ a Barra por causa do Inverno, mais que lançar, sem perigo, para este Reyno huma caravéla fóra da Barra; porêm querendo despedir hum navio para Macao, o lançáraõ os Holandezes a pique: e tendo os Governadores noticia, que elles haviaõ mandado hum Embaixador ao Semorim, pedindo-lhe os ajudasse a sitiar a Cidade de Cochim, ordenáraõ a Ignacio Sarmiento passasse a elle a tratar das fortificações, e encõmendando-lhe juntamente defender com a armada os Fortalezas de Coulaõ, e Cranganor; e temendo os Governadores que o Idalcaõ se confederasse com os Holandezes, lhe mandáraõ por Embaixador a D. Pedro Henriquez. Fez elle a sua funçaõ com grande luzimento, e voltou com muitas seguranças do Idalcaõ, de que não daria ajuda aos Holandezes; promessa a que depois faltou, como se devia recear da sua instabilidade. Chegou em Setembro a Goa o Governador de Jafanapataõ com duzentos homens rendidos naquella Cidade, transportado em náos Holandezas, havendo mandado lançar em Bassaim a mais gente, deixando naquella Barra huma esquadra com ordem de esperar os navios, que viessem do Reyno, entendendo chegariaõ áquella altura a toniar noticia do Estado de Goa. Dentro de poucos dias chegou do Reyno huma caravéla, de que era Capitaõ Francisco Ferraz. Deraõ-lhe alcance os Holandezes; porêm foy soccorrida com humas Galeotas do Governador da Fortaleza Antonio de Mello e Castro, que livráraõ a caravéla. No mesmo tempo entrou hum General do Idalcaõ chamado Abdula Aquimo com cinco mil Infantes, e quinhentos Cavallos

Noticia do
Estado da India.

Anno
1659

nas terras de Salfete. Ordenáraõ os Governadores a Luiz de Mendocça fahille a encontrá-lo com a guarnição da Infantaria das Fortalezas. Pôs-se elle em marcha da Fortaleza de Rachol com quinhentos Infantes, havendo despedido a Companhia de Manoel Furtado de Mendocça a guarnecer a Aldea de Margaõ, a mais importante daquella Ilha. Achou Manoel Furtado já os inimigos sobre ella, por cujo respeito lhe foy preciso retirar-se a huma collina, onde os inimigos o atacáraõ; porém defendendo-se valorosamente, o soccorreo Luiz de Mendocça: retiráraõ-se os inimigos á campanha, baixou a ella Luiz de Mendocça com a Infantaria formada, e fahindo da ordenança alguns Fidalgos intempestivamente, os carregou a Cavallaria inimiga, e os obrigou a se tornarem a retirar, ficando morto Estevaõ Soares de Mello. Os cavallos, que os carregáraõ, chegáraõ até ás primeiras fileiras da nossa gente, e a mayor parte ficáraõ mortos com as cargas que recebêraõ. Retiráraõ-se os mais, porque só costumaõ mostrar valor nos bons successos. Seguiu-os Luiz de Mendocça até Cocolim, ultimo lugar da nossa Raya. Deteve-se alguns mezes em Margaõ, e mandou fazer varias entradas nas terras inimigas, de que resultaraõ aos Soldados, sem algum perigo, grandes utilidades.



HISTO-



HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO.
LIVRO V.

SUMMARIO.



*T*RATA o Conde de Atougnia das fortificaçoens das Praças da Provincia de Alemtejo com grande actividade. O Visconde de Villa-Nova continúa o governo da Provincia de Entre Douro e Minho: larga-o obrigado das razoens particulares de sua casa. Succedeo-lhe o Conde do Prado. Governa a Provincia de Traz os Montes, em ausencia do Conde de Misquitella, o Conde de S. João, General da Cavallaria daquella Provincia, e de Entre Douro e Minho: junta hum Exercito, e to-

ma Alcanices. Governa o partido de Ribacoa o Tenente General da Cavallaria Manoel Freire de Andrade em ausencia do Conde da Feira, junta varias Tropas, e interprende o Castello de Alvergaria. D. Sancho Manoel no Partido de Penamacor derrota hum Troço da Cavallaria inimiga. Executa a Rainha Regente dar Casa a El Rey: passa elle a Azeitão. volta brevemente a Lisboa livre de hum grande perigo: entra em outros não menos consideraveis. Continúa o Conde de Soure a Embaixada de França: chega ao ultimo desengano de não ser o Reyno de Portugal incluído no Tratado das pazes de França, e Castella: volta a Portugal com o soccorro da pessoa do Conde de Schomberg no Posto de Mestre de Campo General, e outros Officiaes de importancia. Restitue-se ao Reyno de Inglaterra Carlos II. Consegue o Embaixador Francisco de Mello firmar El Rey o Tratado da paz, e adianta outras negociações de grande importancia. Passa á Embaixada de Holanda o Conde de Miranda: depois de varias contendidas volta a Lisboa com o Tratado da paz. Varias noticias das guerras das Conquistas. Nomea El Rey de Castella Capitaõ General seu filho D. Joaõ de Austria: passa á Badajoz, junta hum Exercito, ganha Arronches, fortifica a Villa, retira-se a tempo que o Conde de Atouguia marchou a buscá-lo no quartel. Derrota o Conde de Schomberg hum Troço de Cavallaria inimiga. Sabe em campanha na Provincia de Entre-Douro e Minho o Marquez de Vianna: oppoem-se-lhe o Conde do Prado, divertindo-lhe todas as empresas com grande acerto, e felicidade. Derrota o Conde de S. Joaõ hum quartel de Cavallaria. Sabe em campanha na Provincia da Beira o Duque de Ossuna, e ganha alguns lugares abertos. Une-se o poder dos dous partidos

tidos da Beira : ganhão dous lugares , retiraõ-se , e na marcha derrotaõ varias Tropas inimigas. Intenta a Rainha Regente largar o Governo , naõ tem effeito por urgentes razoens.

O Grande vigor da guerra antecedente , e as preparaçoens da guerra futura concorrêraõ para que as duas Coroas de Portugal , e Castella tomãsem para descanso o anno de seiscentos e sessenta com iguaes intentos de augmentarem nelle as Tropas , prevenirem as Praças , esforçarem os cabedaes , e negociarem as alianças , determinando ElRey D. Philippe satisfazer na Provincia de Alemtejo a offensa padecida na perda da batalha de Elvas ; e a Rainha D. Luiza restaurar na Provincia de Entre Douro e Minho o damno experimentado na falta das Praças de Monçaõ , e Salvaterra. Luziaõ muito as prevençoens da Provincia de Alemtejo ; porque era singular a diligencia , e actividade do Conde de Atouguia : e conhecendo que naõ podia durar mais o focgo , que o tempo que os Castelhanos gastãsem em segurar as novas Capitulaçoens da paz de França , naõ havia instante , que naõ gastasse em sollicitar os meynos da defenfa daquella Provincia , augmentando-lhe o cuidado ter seguros avisos , que os Castelhanos , entendendo que era indubitavel achar-se Portugal obrigado a sustentar a guerra sem soccorro de França , contavaõ como infallivel , que empregadas todas as forças daquella Monarchia na Conquista de Portugal , facilmente seria todo o Reyno despojo da ira , com que o ameaçavaõ ; como se para triunfar na batalha de Elvas de D. Luiz de Aro , offendido author de toda esta maquina , houvessem os Portuguezes necessitado de mais soccorros , que das forças nacionaes , e sido valorosos instrumentos do auxilio Divino , Senhor dos Exercitos , e Author das victorias. Sendo iguaes em huma , e outra Coroa as ordens dos Principes , e as opinioens dos Generaes , se poupavaõ as Tropas para as emprezas dos annos futuros , e com tanta attençaõ , que naõ houve em Alemtejo , em todo este anno , mais acçaõ

Anno
1660

Trata o Conde de Atouguia das fortificaçoens das Praças da Provincia do Alemtejo cõ grande actividade.

Anno
1660Anno
1660

acção digna de memoria, que intentar Affonso Furtado armar á Cavallaria de Badajoz com o menor numero de Cavallaria, que fosse possível, para ser menos perigosa a quebra do segredo, e poder conseguir-se empreza tantas vezes inutilmente solicitada. Era o seu designio marchar com quatrocentos cavallos das Companhias de Elvas a se encorporar com o Thenente General da Cavallaria Achim de Tamaricurt, que assistia em Campo Mayor, e embofcarem-se em hum sitio chamado as Charcas, que ficava passado o rio Xévora, e fazendo na estrada de Talavera algumas partidas a preza, que fosse possível, provocar a Cavallaria de Badajoz, que forçosamente havia de sair ao rebate, a cair na emboscada. Approvou o Conde de Atouguia o intento de Affonso Furtado: sahio de Elvas com o Thenente General da Cavallaria João Vanichele, e o Commissario Geral D. João da Silva com quatrocentos cavallos, e encorporou-se nas Charcas com Tamaricurt, que de Campo Mayor havia trazido trezentos, e tinha avançado ao Capitaõ Bartholomeu de Barros com oitenta, sendo só elle a quem communicou onde ficava a emboscada; porque succedendo fazerem os Castelhanos algum Soldado prisioneiro, não pudesse descobri-lo. Fez Bartholomeu de Barros alto na cabeça de Leitaõ, sitio duas legoas de Badajoz, e logo que rompeo a manhã, fez preza em quantidade de gado na estrada de Talavera. Ao rebate das Atalayas montou em Badajoz o Thenente General D. João Pacheco com as Companhias de Cavallos da guarnição daquella Praça, e averiguando a causa de tocarem arma as Atalayas, mandou descobrir o mato de Cantilhana, que era o sitio, de que entendeo podia só recear-se; e tendo aviso que estava desembaraçado, entregou dous Batalhoens a João Diaz de Matos, com ordem de correrem até Campo Mayor os que haviaõ feito a preza, que era a Praça mais visinha, que podiaõ buscar para a segurarem. João Diaz de Matos mais pratico na campanha, que acutelado nos perigos, e juntamente precipitado das suas culpas, pertendeo impedir a Bartholomeu de Barros o passo de Xévora, para onde vio que caminhava com a preza. Huns, e outros chegáõ a Xévo-

ra

Anno
1660

ra ao mesmo tempo, e Bartholomeu de Barros, vendo-se apertado dos dous Batalhoens, havia feito aviso ao General, que o soccorresse, e já vinha marchando por dentro do mato, tendo avançado dous Batalhões; logo que lhe chegou o aviso dos que deraõ vista dos Castelhanos, havendo elles passado Xévora no porto das Juntas, que toma este nome, por se unir nelle a Xévora o rio Botóva, e fazendo huma pequena Ilha, se tornaõ a dividir, e em breve distancia se encorporaõ ambos com o rio Guadiana; e como ao tempo que os Castelhanos passáraõ Xévora, o General com todo o grosso, e os dous Batalhões haviaõ passado Botóva, ficáraõ os Castelhanos sitiados dentro da Ilha, e reconhecendo, por aquelle naõ imaginado accidente, sem remedio o seu perigo, se desmontáraõ depois de alguma breve resistencia. Constaõ o numero dos mortos, e prisioneiros de cento e trinta: hum dos mortos foy o Capitaõ de Cavallos D Pedro Carvajal, de merecida opiniaõ no Exercito de Castella, e hum dos prisioneiros Joaõ Diaz de Matos. D. Joaõ Pacheco fez alto com a Cavallaria, que havia escapado da emboscada, que se retirou para Badajoz sem mais perda, que a dos dous Batalhoens, e o General passou a Campo Mayor, e o dia seguinte a Elvas, onde foy recebido com grande alvoroço pela prisaõ de Joaõ Diaz de Matos geralmente aborrecido, por ser o principal author do sitio de Olivença, e réo de delictos sem numero em o sitio de Elvas, e outras muitas occasioens, que lhe haviaõ grangeado em grave prejuizo da sua Patria a valia do Duque de S. German. Logo que entrou em Elvas, se ajuntou todo o povo, e com grandes clamores pedio ao Conde de Atouguia, que sem dilacão o mandasse enforcar; porêm o Conde intentando colher mayor fructo da desgraça de Joaõ Diaz de Matos que a sua prisaõ, ordenou fosse levado a casa de D. Luiz de Menezes, que havia chegado de Lisboa, mal convalescido de trinta sangrias, que tinha levado, depois da batalha de Elvas, e havia passado ao posto de Mestre de Campo do Terço do Conde de S. Joaõ, a quem a Rainha nomeara General da Cavallaria das Provincias de Traz os Montes, e Entre Douro e Minho. A causa, que
o Conde

Anno
1660

o Conde teve para esta resolução, foy entender que Joaõ Diaz de Matos se deixaria persuadir das instancias de D. Luiz para descobrir alguns designios, que tivesse alcançado na communicação do Duque de S. German, por haver sido seu Thenente, antes de passar á Companhia de Francisco Correa da Silva com este mesmo Posto, e antes de se ausentar para Castella, e lhe dever grandes beneficios; porêm não furtindo desta diligencia effeito algum consideravel, foy levado Joaõ Diaz á cadêa, e feito auto pelo Auditor Geral, de que não dando defesa, se lhe deo sentença de morte. O dia seguinte ao que chegou a Elvas Joaõ Diaz, mandou o Duque de S. German hum Bolatim ao Conde de Atouguia, offerecendo grandes partidos pela sua liberdade. Pareceo ao Conde não responder a esta escusada proposição, de que resultou mandar o Duque outro Bolatim, que continha termos tão arrogantes, e demasiados, que mereceo responder-lhe o Conde com outros tão ásperos, e briosos, que os mesmos Castelhanos os applaudirão. Foy Joaõ Diaz enforcado, e havendo quebrado as primeiras cordas, cahio da forca vivo; tornáráõ a subí-lo a ella, e pagou com duas penas os insultos de tantas culpas.

No fim do Veraõ partíraõ varios Officiaes Mayores a levantar Soldados, e reconduzir os ausentes da Cavallaria, e Infantaria. Foy hum delles o Mestre de Campo D. Luiz de Menezes, a quem tocáráõ as Comarcas de Coimbra, Esgueira, e Vizeu, e de que tirou no decurso de cinco mezes a gente mais nobre, mais luzida, e mais desobrigada.

O Visconde de Villa Nova continua o governo da Provincia de Entre Douro e Minho.

O Visconde de Villa Nova passou na Provincia de Entre Douro e Minho, sem mais exercicio, que o das prevençoens, os mezes que durou o seu governo; porque os Gallegos observáráõ o socego até ajustarem as preparaçõens de mayor guerra; e não houve mais encontro, que assistindo o Mestre de Campo Diogo de Brito Coutinho no governo da Praça de Valença, e tendo noticia que marchavaõ tres Companhias de Cavallos, e duzentos Infantes para o Forte de Belém, que ficava pouco distante; sahio com duas, e quatrocentos Infantes, derrotou os

Galle-

Gallegos, matou huns, fez outros prisioneiros, fugirão os mais para o Forte, e signalou-se o Capitaõ de Cavallos Antonio Gomes de Abreu. Adiantava o Visconde as fortificaçoens das Praças, e tratava de ajustar na fórma conveniente os Terços, e Companhias de Cavallos, e foy mayor o calor, depois de passar de Traz os Montes áquella Provincia o Conde de S. Joaõ, que com incansavel zelo, e diligencia dispunha os animos de todos os moradores a seguirem o Exercito militar. Desejava o Visconde, obrigado de forçosas dependencias de sua casa, largar aquelle governo, e conhecendo a Rainha a sua justificada razaõ, o nomeou Estribeiro mór delRey na menoridade de Luiz Guedes de Miranda; occupaçoõ que exercitava o Conde do Prado, e ao Conde do Prado entregou a Provincia de Entre Douro e Minho, esperando do entendimento, e valor, de que era dotado, os acertos, que depois acreditáraõ as experiencias. Nos primeiros dias de Setembro partio de Lisboa, e brevemente fez o Conde da Torre a mesma jornada; e como entre o Governador das armas, o Mestre de Campo General, e o General da Cavallaria havia estreito parentesco, e grande amizade, todas as disposiçoens caminharãõ sem contradicçoõ, para o fim de se defender aquella Provincia, em que tambem já assistia com grande cuidado da sua repartiçoõ o General da Artilheria Simaõ Correa da Silva.

O Conde de Misquitella, que governava a Provincia de Traz os Montes, passou a Lisboa no principio deste anno, e deixou o governo entregue ao Conde de S. Joaõ. Igualmente era o Conde amado, e temido daquelles povos, assim pelas suas singulares virtudes, como pelo dominio de muitas Villas, e lugares, e nelles continua a assistencia de seus illustres progenitores. Logo que deo principio ao seu governo, não podendo conter-se o seu generoso espirito nos restrictos termos de hum governo civil, premeditou ganhar Alcanices, grande Povoação de Castella a Velha, situada seis legoas da Raya das Cidades de Bragança, e Miranda. Deliberado a intentar esta empreza, investigou com grande attençaõ o poder, que os Castelhanos poderiaõ juntar, a fortificaçoõ da Villa, o pre-

Anno
1660

Larga-o o
brigado das
razoens par-
ticulares da
sua casa.

Succede-lhe
o Conde do
Prado.

Governa a
Provincia de
Traz os Mõ-
tes, em au-
sencia do Co-
de de Mis-
quitella, o
Conde de S.
Joaõ, Gene-
ral da Caval-
laria daquel-
la Provincia,
e de Entre
Douro e Mi-
nho.

ficio

Anno
1660

Junta hum
Exercito, e
toma Alca-
nices.

idido que a guarnecia, a qualidade do caminho, e todas as mais circumstancias precisas para facilitar o seu intento. Depois que esteve seguramente instruido, publicou que marchava a soccorrer a Provincia da Beira ameaçada das Tropas inimigas, e para este supposto fim reforçou as guarnições de Bragança e Miranda, conseguindo por esta industria não ser este movimento suspeito aos inimigos. Ajultadas todas as prevençoens para conseguir a empreza proposta, marchou o Conde com oito mil Infantes pagos, volantes, e Auxiliares, trezentos cavallos, e duas peças de artilheria, a atacar Alcanices. Como a gente era muita, e não toda destra, o rumor, e a dilação da marcha avisou aos da Villa do seu perigo, antes de experimentarem o assalto. Guarneçêraõ diligentemente a muralha com seis Companhias pagas, e os paifanos, que eraõ muitos, e juntamente hum Fortim, que occupava fóra da Praça hũa eminencia a que dominava. Chegou o Conde depois de sahir o Sol, e conhecendo que o Fortim embaraçava o intento de ganhar a Villa, mandou logo investi-lo pela Infantaria, depois da Cavallaria occupar os póstos convenientes para evitar os soccorros. Com pouca resistencia foy o Forte entrado, e não querendo o Conde perder o calor, que reconheceo nos Soldados com taõ felice principio, mandou promptamente avançar a Villa por tantas partes, que depois de algumas horas de resistencia, foy entrada á custa de muitas vidas dos defensores. Os que escapáraõ da furia do assalto, se recolhêraõ a hum Castello situado no extremo da Villa, em hum lugar taõ eminente, e escabroso, que resolveo o Conde não intentar ganhá-lo, assim por não trazer instrumentos proporcionados, como por não determinar deixar-lhe presidio, ainda que o conseguisse, por ser inutil. Deteve-se na Villa quatro dias, saqueou-a, e queimou-a, e o mesmo executou em huns lugares circumvisinhos, e recolhidas as partidas, se retirou com os Soldados ricos de despojos, e animados a grandes emprezas. Poucos dias depois de retirado, chegou a Chaves o Conde de Misquitella, e entendendo o Conde de S. Joaõ vinha queixoso de se executar aquella empreza, sem lhe dar

Anno
1660

dar noticia, o satisfez taõ suavemente, que o deixou obrigado do mesmo, porque podia ficar offendido. Passáraõ os dous a Bragança com aviso, de que os inimigos procuravaõ satisfazer-se do agravo de Alcanices: porẽm naõ teve mais effeito esta determinação, que huma entrada que fizeraõ por Miranda, em que queimáraõ alguns lugares abertos, onde naõ acháraõ gente, pela haver retirado o Governador de Miranda André Pinto Barbosa. Depois desta entrada, engrossáraõ os inimigos as juas Tropas, e fizeraõ varias frentes de Cavallaria, e Infantaria a Miranda, Bragança, e Chaves; porẽm a vigilancia dos dous Generaes, e o continuo movimento, em que andavaõ de humas Praças a outras, fortificando-as, e guarneecendo-as, e ameaçando juntamente os lugares da Raya, desvanecio todos estes movimentos. Separadas as Tropas, fugio de Chaves para Monte-Rey o Commisario General da Cavallaria Jaques Talameaut de la Poplinier, e o seu Ajudante S. Miguel, ambos Francezes, sem mais causa, que procurarem grangear alguma utilidade da sua inconstancia; como se naõ fora estabelecido castigo da infidelidade, ser abominada dos mesmos, a cujo beneficio se dedica. Leváraõ comfigo tres criados tambem Francezes, que brevemente tornáraõ a voltar para Chaves, dizendo haviaõ fugido violentados de seus amos, achando-se animo mais nobre naquelles, em que havia menos qualidade. Passou neste tempo para a Provincia do Minho o Conde de S. Joaõ, e cessáraõ por concordata as hostilidades; mas naõ durou muito, porque era em beneficio dos pobres, e prejuizo dos poderosos, que livravaõ as suas esperanças na grangearia das pilhagens. Porẽm naõ faltou ao Conde de Misquitella a possivel attenção, de que se conservasse o socego, reconhecendo naõ podia sem grande trabalho defender as muitas legoas da Raya de Castella.

Governa o partido de Ribacõa o Thenente General da Cavallaria Manoel Freire de Andrade em ausencia do Conde da Feira.

O Conde da Feira Governador do Partido de Ribacõa passou no principio deste anno a Lisboa com licença da Rainha, e deixou o governo entregue a Manoel Freire de Andrade, Thenente General da Cavallaria, que com grande attenção procurava merecer os premios da

for-

Anno
1660Junta varias
Tropas, e in-
terprende o
Castello de
Alvergaria.

fortuna pelas acçoens da virtude, tendo justificado em muitas occasioens o grande valor de que era dotado. No principio da Primavera recebeo hũa carta da Rainha, em que lhe advertia tivesse igual vigilancia em todas as Praças; porque constava por avisos de intelligencias fidedignas, que os Castelhanos intentavao interpretar alguma das mais importantes com segurança de se achar dentro della pessoa que lhes facilitava o intento. Com esta noticia determinou Manoel Freire não só segurar as Praças que governava, senão mostrar aos Castelhanos que preservava as nossas do trato dobre, e ganhava as suas por força, elegendo huma das mais uteis á conservação dos lugares abertos da Raya. Marchou a sete de Março a ganhar o Castello de Alvergaria com quatro mil Infantes pagos, e Auxiliares, quatrocentos e cincoenta cavallos, quatro peças de artilheria, tres petardos, e hum morteiro; e deo ordem a seu irmão Francisco Freire de Andrade, Commissario Geral da Cavallaria, que se adiantasse com ttrezentos Infantes, duzentos cavallos, e cincoenta rodeleiros, e que embofcados em sitio coberto procurasse com todo o silencio avançar dez cavallos, e dez Infantes ás ruinas da Villa; e que logo que rompesse a manhaã, tirassem o gado de hum curral, em que se recolhia, e o conduzissem até o lugar da embofcada; e que succedendo sahirem a recuperá-lo os da guarnição do Castello, intentasse Francisco Freire introduzir-se nelle entre os que se retirassem do impulso, com que os investissem. Conseguiu a partida tirar o gado, mas não succedeo sahirem os do Castello a resisti-lo, inferindo da resolução da empreza o engano, que se lhes fulminava. Chegou Manoel Freire com o resto de gente, e resolveo que acabasse a força, o que não havia conseguido a industria. Fabricou com brevidade hũa plataforma junto da Igreja, de que jogavao dous meynos canhoens, e o morteiro contra o Castello. Multiplicárao-se as mampostas, e laboravao do sitio opposto as outras duas peças de artilheria, e ao calor de tanto fogo ganhou a Infantaria a barbacaã, sem valer aos defensores a diligencia, que fizerao por defendê-la: preparárao-se os petardos a tempo, que acertou huma bala

Anno
1660

bála o Governador chamado Domingos Lazaro, de que cahio morto; e como os Soldados fagos eraõ poucos, e os paizanos tímidos, renderaõ o Castello. Entrou nelle Manoel Freire, achou cinco peças de artilheria, e quantidade de muniçoens; e como era forte por natureza, e arte, o deixou guarnecido com cento e vinte Infantes á ordem do Capitão Jozé de Figueiredo da Silveira, Soldado de conhecido valor. Retirou-se Manoel Freire sem mais perda, que a de dous Soldados mortos, e ferido o Ajudante da Cavallaria Francisco Monteiro. Foraõ os lugares mais interessados em se ganhar, o Castello de Alvergaria, Sabugal, e Alfayates: cultivou-se sem embaraço toda aquella campanha, e tornou-se a povoar o lugar da Aldêa da Ponte destruido pelos Castelhanos. Pouco tempo depois deste successo mandou a Rainha governar o partido de Ribacoa a Joaõ de Mello Feyo, cunhado do Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva, por succeder lastimosamente a morte do Conde da Feira, que desbaratada totalmente a saude de continuos achaques, rendeo nas mãos da morte a vida forecente, por todos os titulos merecedora de mayor dilacão. Tomou Joaõ de Mello posse do governo, e não teve neste anno acção que mereça ser referida.

D. Sancho Manoel passou da Provincia de Alem-Tejo a continuar o governo do seu partido a Pena-Macor, e logo que chegou áquella Praça, querendo illustrar com novas acçoens os felices successos, que havia conseguido na defenfa de Elvas, marchou a Pena-Garcia a armar ás Companhias de cavallos da Moraleja. No mesmo dia entraraõ os Castelhanos na campanha de Mon-Santo, e depois de fazerem huma grossa preza, sabendo, pela confissã das linguas, que D. Sancho estava em Pena-Garcia, largáraõ a preza, e a diligencia com que se retiráraõ, foy causa de perderem quantidade de cavallos, e D. Sancho se retirou, não achando mais que sete na Moraleja. Os Castelhanos voltáraõ brevemente á campanha de Pena-Macor com toda a Cavallaria daquelle partido, e alguma Infantaria. Teve D. Sancho aviso deste movimento, chamou as tropas, e os Castelhanos, antes dellas chegarem

D. Sancho Manoel no partido de Pena-Macor derrota hum troço de Cavallaria inimiga.

Anno
1660

rem, se retiráraõ, sem fazer damno. As companhias de Catalunha, e outras, que vieraõ a alojar nas Praças daquella fronteira, obrigáraõ a D. Sancho a entrar em grande cuidado, que se lhe accrescentou com a noticia certa, de que o Duque de Ossuna estava nomeado Governador das Armas daquella fronteira, e que marchava para Ciudad Rodrigo. Fez D. Sancho aviso á Rainha, pedindo-lhe remedio anticipado ao perigo, que temia, para que não fosse inutil, como havia succedido na Provincia de Entre Douro e Minho. Resultou desta diligencia reencherem-se os Terços, e Companhias de Cavallos, e tratar-se das fortificaçoens, principalmente da Praça de Alfayates, porque necessitava muito de defenõa, e era de grande importancia pelos muitos lugares abertos que cobria.

Deixamos no fim do anno antecedente disposta pela prudencia da Rainha a nova Casa del Rey, pertendendo experimentar se as assistencias de tantos criados illustres, zelosos, e prudentes bastavaõ a divertir os habitos, que seus familiares lhe haviaõ introduzido; taõ apartados das virtudes Catholicas, e politicas, que era mais para recear o perigo desta guerra, que aquella que os Castelhanos com as pazes de França ameaçavaõ. Eraõ as disposiçoens da Rainha effeito de Mãy prudente, e Rainha amante, para que em nenhum tempo fosse culpada a sua providencia da omisõaõ mais nociva, e mais prejudicial, que podia padecer a sua Monarchia. Porẽm a violencia dos Astros infelices inclinava desorte o alvedrio del Rey a fugir de todos os caminhos saudaveis, que serviaõ as novas industrias da Rainha mais de confusaõ, que de remedio. A sete de Abril foy o dia destinado para El Rey passar ao quarto que estava prevenido. Juntaraõ-se os criados nomeados para o servirem; e ordenando a Rainha ao Conde de Odemira que El Rey passasse ao seu quarto pela porta interior, por onde se haviaõ de communicar, mandou El Rey que baixassem á sala dos Tudescos; e replicando o Conde, que a ordem da Rainha era differente, disse que queria que o visse o povo; e instando o Conde que não era aquella a funçaõ, que pedia esta solemnidade, não bastou a divertir o intento del Rey insinua-

do

Executa a
Rainha dar
Casa a El-
Rey.

Anno
1660

nuado por Antonio de Conte. Acompanharão-no, sem
distinção de pessoas, todos, os que se acharão no Paço,
e a Rainha com prudente cautela dissimulou a sua deso-
bediencia. Alguns dias se absteve ElRey de assistencia tão
indigna, respeitando a authoridade dos criados que o
servião; porém sendo mais poderosa a inclinação, que o
respeito, tornaraõ como inundação reprimida a conti-
nuar na sua presença, e com tantos excessos, que os seus
arrojamentos por instantes multiplicavaõ no animo del-
Rey o desconcerto, e o perigo; porque os divertimentos
eraõ os menos decentes, e os mais arriscados; sendo
theatro de exercicios pouco louváveis o districto de Al-
cantara, em que ElRey ordinariamente assistia. Estando
ElRey ja no seu quarto, lhe receitaraõ os Medicos ter-
ceira vez as Caldas, desejando experimentar, se a lesão,
que padecia na parte direita, conseguia alguma di-
minuição. Preparou-se a jornada com grande dispen-
dio, e partio ElRey mais a occasionar males alheycs, que
a sollicitar saude propria; porque voltou para a Corte
sem querer entrar no banho. Pouco depois que chegou,
fez huma jornada a Azeitão, lugar aprazivel da outra
parte do Tejo, pouco distante de Setuval: acompanhá-
raõ-no os seus criados, e parte da Nobreza; e não eraõ
muitas as horas de assistencia neste sitio, quando espe-
rando ElRey a hora, em que jantavaõ os criados, que mais
familiarmente lhe assistiaõ, montou a cavallo com al-
guns dos que elle chamava patrulha baixa: sahiraõ ao
campo, e succedendo encontrar hum touro, o investio
com tanta infelicidade, que ferindo-lhe o cavallo, e não
podendo ElRey domar-lhe a furia, a que o obrigou a
dor da ferida, o despedio da sella com tanta violencia,
que ficou ElRey lançado em terra quasi sem acôrdo. Acu-
diraõ com esta noticia todos os que o acompanhavaõ, e
com justo sobressalto do perigo, que corrêra a sua vida,
o metterãõ em huma liteira, e voltãraõ para Lisboa. Pa-
deceo a Rainha o susto desta desgraça, a que se juntava o
receyo de outras mayores, e ElRey melhorou da que-
da com cinco sangrias, mas não da resolução de se expor
a outros perigos. Brevemente se verificou este receyo;

Passa a Azeitão, volta a Lisboa brevemente, livre de hum grande perigo.

Anno
1660

Entra em outros naõ menos confidenciais.

porque convalescido da quæta sahio ao campo; e recolhendo-se por Campo-lide depois de cerrar a noite, havendo-lhe divertido huma pendencia a prudencia do Monteiro mór, buscou ElRey outra com tres homens junto do Noviciado dos Padres da Companhia, acompanhado fõ de hum criado, com quem se apartou dos mais, que lhe assistiaõ. Estava desmontado, e vendo tres vultos, os investio com a espada na maõ: os tres, como nem o escuro, nem a açcaõ descubriã as luzes da Magestade, tirãã pelas espadas, e no primeiro encontro cahio ElRey em terra ferido. Ao rumor acudiraõ todos os que o acompanhavaõ, e appellidando o nome delRey, fugiraõ os tres da pendencia, se naõ medrosos, confusos de taõ inopinado accidente, e fizeraõ pouca diligencia pelos seguir os que reconhecãã a sua innocencia. Foy notavel o sobressalto, que todos recebãã, vendo ElRey banhado em fangue, e repetindo incessantemente que morria. Chegaraõ com elle ao Paço, e a Rainha que vivia em continuo cuidado dos excessos delRey, naõ se lhe accrescentou mais, que a nova experiencia deste incidente. Examinou-se a ferida, e segurãã os Cirurgioens que naõ era penetrante; porque a espada havia entrado por parte mais sensitiva, que perigosa. Com esta noticia se applicou a perturbaçaõ da Corte; mas naõ cessou o clamor universal de se ver crescer em ElRey com os annos os excessos aprendidos de homens depravados, e malevolos, que nem o poder da Rainha, nem a authoridade dos seus criados podiaõ apartar da sua companhia. Procurãã atalhar este damno por ordem da Rainha os Conselheiros de Estado: entrãã juntos na camara delRey, e encomendando-se ao Duque do Cadaval expor o sentimento de todos, foy a substancia do que referio: que supposto que em casos semelhantes era a experiencia a que melhor aconselhava, Sua Magestade devia permittir, que o amor da Rainha sua mãy, dos Infantes seus irmãos, e de todos seus vassallos, tivessem confiança para conseguir com a sua intercessãõ a segurança da vida de Sua Magestade; porque correndo por conta da Providencia Divina, como causa primeira, o conservã-la, deixãã a Sua Magestade li-
vre

Anno
1660

vire alvedrio, para se abster dos riscos, a que tantas vezes a tinha exposto: e que Sua Magestade era Senhor de duas vidas, huma sua, outra a universal de seus vassallos; proposição tão infallivel, que se podia entender, que para conservá-las concedera Deos aos Principes dous Anjos da guarda: e nesta consideração devia Sua Magestade resguardar a primeira vida, por ser de hum Monarcha Portuguez; a segunda, por tocar a innumeraveis, e valorosos vassallos, que se estendiaõ com acçoens singulares a dilatar o seu dominio nas quatro partes do mundo: que a conservação dos Reynos infallivelmente se dividia em duas partes, na vida dos Principes, e na opposição dos contrarios: que Sua Magestade devia tomar por sua conta a primeira segurança, e fiar a segunda da fidelidade de seus vassallos; e que alegres celebrariaõ todos esta felicidade, como conseguida, se experimentassem que Sua Magestade honrava a Nobreza, fazendo-a só participante dos seus divertimentos.

Ouvio ElRey com pouco agrado esta decorosa, e utilissima advertencia do Duque do Cadaval; porque só o satisfaziaõ os que indignamente o provocavaõ a excessos, e temeridades. Despediraõ-se os Conselheiros de Estado com poucas esperanças da utilidade dos seus rogos, e brevemente se verificou quanto foraõ desprezados; porque logo que ElRey melhorou das feridas, rompendo pelo reparo, que antes fazia, para não sahir do Paço de noite, sem se acautelar do Gentil-homem da Camara, que dormia á porta da casa, em que tinha o leito, resolveo fechar-lha; e o tempo que durava a noite, acompanhado de seus indignos assistentes, servia a Cidade de lastimoso espectaculo, e triste theatro de mal merecidas tragedias. Porém sendo tantas vezes offendida a alma, como a Magestade, entrava em duvida serem peccaminosos os actõs delRey contra Deos, e contra o Sceptro, pela pouca distincção, com que o juizo leso das enfermidades os operava; sendo huma das razoens, que verificava este discurso, descobrir poucas esperanças de dar ao Reyno successores, e fazer excessos inauditos por conseguir a afeição tanto das mulheres mais expostas, quan-

Anno
1660

to das mais recatadas, crescendo desorte, que passando do rebuço da noite á manifesta claridade do dia, não perdoava ao sagrado das Igrejas. Hum destes desordenados intentos custou perigosas feridas a Martim Correa de Sá, filho mais velho de Salvador Correa, sem mais causa, que encontrá-lo no estreito de huma rua, não lhe sendo possível facilitar-lhe a passagem della, nem sendo este impossível daquelles, que o valor dos Portuguezes costuma vencer pela affeição dos seus Principes, por se empenharem em mayores empregos; não valendo a Martim Correa, tendo poucos annos, acudir a tão impensado accidente com todas as acçoens do valor, e obrigaçoens de vassallo. Estes excessos delRey, que offendiaõ, e escandalizavaõ o mundo, eraõ continuos golpes, que feriaõ o coração da Rainha, e tão penetrantes na desesperaçãõ do remedio, que chegava a desfestimar não só o Imperio, mas a propria vida, vendo-se com dous filhos arriscados ao ultimo precipicio, hum pela incapacidade, outro pelo exemplo; porque o Infante D. Pedro, sendo de tão poucos annos testimunha de tantas indecencias, só a misericordia de Deos pudera livrá-lo de tão pestilente contagio: e não querendo a Rainha faltar a diligencia alguma, que pudesse atalhar o precipitado curso das acçoens delRey, desejando desmentir os que o persuadiaõ que ella lhe usurpava violentamente o dominio, o introduzio no Conselho de Estado, no despacho, e nas audiencias, para que a noticia dos negocios o fosse habilitando ao governo da Monarchia, e pelejasse no seu animo esta virtude com os impulsos, de que infelizmente estava dominado. Porém esta industria sahio tão infructuosa, como todas as mais que se haviaõ inventado; porque ElRey não fazendo reflexãõ em as materias que na sua presença se tratavaõ, havendo a enfermidade cerrado os passos ao discarso, ficaraõ os desacertos tão senhores da campanha do seu animo, que adquiriraõ novas forças, introduzindo-lhe injusta ira contra a Rainha, pelo violentar a aquella enfadosa assistencia. E reconhecendo os indignos Conselheiros, que espreitavaõ as suas inclinaçoens, este desconcerto, o applicavaõ a seu arbitrio desorte, que em huma

Anno
1660

humã mesma acção com cous actos encontrados o indignavaõ contra a Rainha, persuadindo-o a que lhe naõ queria entregar o governo, e apaixonando-o pelas horas, que lhe cativava o alvecrío; disparidade, que verifica a arriscada tormenta, em que naufragava o soberano espirito da Rainha, vendo por instantes perigosa a authoridade, e precipitada a Monarchia. E porque os casos, e as indecencias se augmentavaõ, e os remedios saudaveis se corrompiaõ, resolveo a Rainha fazer seu confidente a Antonio de Conte, para experimentar se o veneno bem preparado podia servir de triaga, reconhecendo, com excessiva pena, que só envoltas com os vicios se poderiaõ em ElRey introduzir as virtudes. Estava neste tempo Antonio de Conte quasi animado a ser primeiro Ministro, porque ElRey lhe havia concedido quarto no Paço com porta na camara, onde dormia. Acudiaõ á sua sala os pretendentes, e á sua guardaroupa os mais dos Ministros, communicavaõ-se-lhe os mayores negocios da Monarchia, e finalmente da sciencia dos livros de caixa pascu aos exercicios da arte politica, sem mais cabedades, que o favor de hum Principe, que lhos dispensava, sem distincção do que fazia; sendo este hum dos desconcertos, com que costuma governar-se o mundo. Havia até acuelle tempo conseguido Antonio de Conte o foro de fidalgo, o Habito de Christo, huma Commenda, huma quinta, e outras mercês consideraveis, e para seu irmão Joao de Conte Beneficios Ecclesiasticos de grande rendimento. Logo que penetrou a tenção da Rainha, a soube seguir com engenhosa destreza, fundado na industria, de que para subsistir no lugar, em que naturalmente naõ cabia, o caminho mais seguro era agradar ambas as Magestades; e com este conhecimento dobrava ElRey ao que a Rainha desejava conseguir em todas aquellas materias, que naõ encontravaõ a sua conservaçaõ, e o seu interesse; e sobre estas defeituosas bases hia crescendo ja a ruina do edificio do governo delRey D. Affonso. Achou a Rainha sangrada oito vezes; pequena demonstraçaõ das continuas afficções que padecia: e procurando achar desaffogo em tantos cuidados, consultou a Antonio da Mata, e a Francisco Nunes,

Anno
1660

o primeiro excellente Medico, o segundo grande Cirurgiaõ, e depuzeraõ ambos, que toda a parte direita do corpo delRey ficára taõ lefa da febre maligna dos primeiros annos, que carecia nella do vigor; e que desta lefaõ manifesta procedia a falta do juizo, que em todas as operaçoens mostrava, juntando-se o justo temor de não ser capaz de dar ao Reyno successores, com que se multiplicou a afflicçaõ da Rainha: e para experimentar mayor embaraço, succedeo neste tempo a separaçaõ de Pedro Vieira da Silva da Secretaria de Estado, Ministro de que justamente fiava as materias mais importantes. Foy a causa, que havendo huma tarde de ir ganhar o Jubileo da Porciuncula a Infanta Dona Catharina, e o Infante D. Pedro, entendeo Ruy de Moura Telles, Estribeiro mór da Rainha, que a elle, e não aos Officiaes delRey tocava preceder naquelle acompanhamento. Resolveo a Rainha o contrario na consideraçaõ de que estando aquelles Principes em o seu quarto, antes de terem casa particular, sahindo em publico, haviaõ de ser assistidos dos Officiaes da Casa delRey, não se achando, nem ElRey, nem a Rainha presentes no acompanhamento. Entendeo Ruy de Moura que Pedro Vieira fora author desta resoluçaõ, e tomou por satisfação deste enfado fazer hum papel, em que mostrava os fundamentos da sua instancia, e rematava, queixando-se de Pedro Vieira com palavras asperas. Este papel mandou a Rainha ao Conselho de Estado, e sem reparar, que não devia ser Pedro Vieira o Secretario, que o lesse, por não occasionar dissençoens, e escandalos, foy o papel á sua maõ, e depois de lido, recolhendo-se para sua casa, expôs á Rainha as razoens seguintes: Que lera no Conselho de Estado o papel de Ruy de Moura Telles sobre a queixa de não fazer o Officio de Estribeiro mór na ultima jornada dos Infantes, com presuppõsto de que em quanto não tomavaõ casa, tocava aos Officiaes da Rainha servi-los, e não aos delRey, e confessava que só o preceito o obrigára a ler de si, que procedia com paixãõ, e faltava com o respeito devido a suas obrigaçoens: que não lera no Conselho, como pudera, pelos livros da Secretaria os exemplos, que serviaõ
para

para a resolução deste caso ; porque entendia se não podia ignorar : e que por esta razão , e porque não poderia tornar tão depressa ao Conselho de Estado , lhe parecerá offerecer com aquelle o papel incluído , que continha o exemplo no enterro da Infanta Dona Joanna , onde se acharia , que os Officiaes da Rainha fizeram seus officios , em quanto o corpo da Infanta não sahio do Paço , que he a parte onde elles servem ; e que logo que chegou a liteira , entráram os delRey , e os da Rainha se recolhêram com expressa declaração , de que o abrir da liteira tocava ao Estribeiro mór delRey ; e que a todos constava trazer a fralda do capuz do Infante o Montei-ro mór , quando fora lançar agoa benta no corpo delRey seu pay : que dous exemplos allegava Ruy de Moura pela sua parte : o primeiro , quando fora levar ElRey ás Caldas : que com aquelle papel offerecia clareza manifesta da preparação , que se fizera para aquella jornada , para que a Rainha vísse nelle , que os criados delRey eram os que o acompanháram , e assistíram ; e os dous da Rainha foram , porque ElRey D. João não escusava na sua assistencia aquelles dous officios ; porque a Rainha mostrára mais confiança com aquelles dous fidalgos : e era de reparar , que nomeando-se tantos criados , para irem servindo nesta occasião , todos foram delRey . O outro exemplo era de quando deitava o manto ao Infante ; que tambem offerecia o regimento que se lhe dera , quando a primeira vez tivera esta occupação , e delle constava , que se lhe não dera como a criado da Rainha ; porque se assim fora , os seus criados haviaõ de servir o Infante , não declarando no regimento , que ao Reposteiro mór delRey tocava chegar a cadeira ao Infante , e ao Mordomo mór dar-lhe a véla , e a vara do pallio : e com tantos documentos a favor da sua justificação tornava a dizer a Sua Magestade , que não pudéra apartar de si o sentimento de ver , que diante de Sua Magestade o tratavaõ tão mal , como mostrava o papel de Ruy de Moura ; a que se juntava tirar-se-lhe o regimento , que se dera para as Caldas , tocando ao Secretario de Estado dar fórma , como a Real pessoa de Sua Magestade havia de ser servida , assistida , e guardada

Anno
1660

Anno
1660

gada. Por vezes, e em diferentes papeis representara a Sua Magestade, que a Secretaria de Estado recebia grandissimos prejuizos em lhe divertirem a mayor parte dos papeis, que lhe repartira El Rey D. Joaõ; que tambem soubera que a Rainha tinha nomeado Reformador para a Univerfidade de Coimbra, sem ser por fua via, tocando-lhe aquella expedicaõ, sem se achar pretexto; como na nomeaçãõ de Reytor, em que se lhe arguira, o que escrevêra a favor de Antaõ de Faria, naõ bastando a fua justificaçãõ para lhe escusar a reprehensãõ, que a Rainha lhe dêra: que havia hum anno lhe concedêra licença para se recolher, pelo tempo, que lhe fosse necessario, para fazer partilhas entre feus filhos: em virtude della se recolhia a fazê-las, e por ellas se saberia o com que entrãra, e o com que sahira do serviço del Rey hum Ministro, que havia dezoito annos inteiros occupava o lugar de Secretario de Estado, e perto de quarenta o de Ministro de Tribunaes; e que se naõ houvesse sido á satisfacaõ de Sua Magestade, o sentia tanto, quanto procurara acertar em feu serviço.

Escrita esta carta, sem esperar resposta, se foy Pedro Vieira para huma quinta, naõ se dando por satisfeito de se resolver a duvida de Ruy de Moura contra a proposiçãõ que fizera; e a Rainha, entendendo que fora excessõ ausentar-se sem licença expressa sua, o mandou para Evora, onde esteve tres mezes; e parecendo-lhe á Rainha que era bastante castigo, lhe permittio licença para voltar para a fua quinta com a mercê do Chantrado de Ourem para hum de feus filhos; e dentro de pouco tempo o tornou a restituir á fua occupaçãõ, e com tantas honras, que pudêraõ satisfazer as fuas justificadas queixas.

Neste tempo naõ havia em Roma Ministro, que trattasse os negocios deste Reyno; porque as negociaçoens dos Castelhanos haviaõ atalhado o passo a todas as esperanças de conseguir o intento tantas vezes pertendido, e tantas baldado da permissãõ dos Bispos, e nos annos successivos se passou neste mesmo silencio.

O Conde de Soure Embaixador de França deixámos
no